

## SEGUNDA PARTE

### \*\*\* CAPÍTULO 1

Como eu disse no início, o sentido da decodificação dentária, que acima de tudo é um instrumento terapêutico, é curar nossas patologias relacionais. Denomino patologia relacional toda atitude que se desvia de uma relação normal. Uma relação, como a definiu o sábio, é a oportunidade de encontrar o outro, de adquirir algo novo ou se desfazer de algo inútil. Dito de outro modo, significa permitir-se mudar! A relação se subdivide em 3 etapas fundamentais: contato, troca e integração.

A patologia relacional é uma gangrena que deteriora, às vezes lentamente, às vezes estrondosamente, as relações, especialmente do casal, mas também em todas as direções e em todos os níveis. Quando não é uma gangrena, pode se apresentar sob o aspecto limitador ou de desvio, impedindo que tenhamos relações plenas e íntegras – com amigos, pais, filhos, mas também com a matéria, com o corpo físico, com a Terra... Para culminar, nossa inaptidão relacional se instalará num eixo que representa a espiritualidade, onde nos empenharemos para substituir todas as nossas carências e feridas já exploradas em outras direções.

As relações humanas são incontestável e naturalmente naturais. A ausência de relação corresponde ao estado de morte, evidenciado pelo fato de que o menor sopro de vida nos empurra em direção ao próximo. O crepitar de cada fagulha de vida nos leva ao encontro do exterior, de modo determinado e infatigável. Como se o aprendizado só pudesse ser feito assim, o aprendizado da Vida, a descoberta do Ser Real através dos encontros. Diz-se que Deus concedeu tudo aos seres humanos, mas não a um ser só. Então aprendemos que o autoconhecimento passa obrigatoriamente pela relação com os outros...

Os dentes são a prova: extrai-se um dente e logo vemos a migração de seu antagonista, que assim manifesta a necessidade de encontro e contato. A necessidade relacional é uma evidência viva. Nossas células são iguais, porque só pelo intercâmbio das várias riquezas e da riqueza de nossa diversidade é que poderemos expandir a humanidade em bloco. Novamente, os dentes atestam isso: é graças ao encontro equilibrado dos dentes de baixo e de cima, na oclusão, que o ser humano se ergue e tende à verticalidade, dando vida à imagem oriental do ser humano, que se torna um traço de união entre o céu e a terra. Assim verticalizado, que o ser humano possa estender os braços para manifestar sua

dinâmica relacional acrescida da dimensão horizontal, que revela sua especificidade humana do coração, efetivando o cinco.

Parece tão simples que temos o direito de perguntar que grau inteligência superior foi necessário de nossa parte para perdermos tudo isso!

Desde que comecei a usar a decodificação dentária para ajudar as pessoas, me parece cada vez mais evidente que até as patologias relacionais são concebidas pelo inconsciente como um perfeito meio de sobrevivência. Assim como as reações biológicas das células, uma patologia relacional encontra sua ancoragem num passado que com certeza faz parte de nossa árvore genealógica, mas também da Humanidade inteira, com o objetivo primeiro de “não sofrer”! Ficamos sempre repetindo o modo de ir em direção aos outros ou mais corretamente de nos distanciarmos por proteção, soluções que já foram testadas por outros antes de nós. E assim a História se repete: o sábio diz que todo povo que esquece sua História está destinado a repeti-la. Mas lembrar sua história não basta para mudá-la. É preciso reconhecer o sofrimento e entendê-lo como um erro relacional cujo único objetivo foi nos proteger de nosso próprio sofrimento de ser.

A decodificação dentária é um caminho maravilhoso para responder à difícil pergunta “quem sou eu?” Mas mesmo que não leve a uma resposta fácil, nos leva a descobrir o que os outros fizeram conosco. Uma vez livres deste pesado fardo assumido de boa vontade, o caminho se abre ao reencontro de si mesmo, a redescobrir nossas riquezas interiores, tesouro universal dos seres humanos. Leva a compreender nossas dificuldades, profissões escolhidas, nossas problemáticas relacionais no âmbito dos amigos, do casal, da família e nossa posição no centro de conjuntos ainda mais vastos, como o país ou a humanidade. Abordar sob luz nova o masculino e o feminino dentro de nós, fazer uma reconciliação com os recursos fundamentais bloqueados pelos sofrimentos da infância, reencontrar e reunificar nosso par interior – estes são os caminhos que a decodificação dentária nos permite explorar.

Por isso o dente, se nos permite “compreender” as coisas, não se dedica exclusivamente a nossa nutrição biológica ou intelectual. Oferece-se como uma luz para o caminho interior, imagem adequada aos propósitos de Jean M. Riviere, *Os santos Upanishades do Bhagavad Gita – ed Arché, 1979*): *“Para reencontrar o Eu Real, é preciso que o mental faça o caminho interior normal da percepção, mas em sentido contrário; que suba mais uma vez o caminho luminoso da*

*manifestação de Si... Utilizando o mesmo raio luminoso, podemos nos aproximar da Porta de Ouro que abre a Câmara do Coração onde reside a Presença... É a famosa busca de “quem sou eu?” feita em introspecção permanente e dirigida, mas sem buscar uma resposta mental; é uma atitude de espera ativa, aberta, confiante e amorosa.”* No caminho de volta para o melhor de si mesmo, o dente se revela com um painel de comando na escuridão.

*A priori*, temos 32 painéis (na verdade, mais do que isso) e escolher e organizar podem ser tarefas difíceis. Então toda consulta inicia com algumas perguntas, sendo que uma é primordial: “qual o motivo de ter marcado esta consulta?”. Depois de alguns pacientes, aprendi que a curiosidade é um motivo ruim. A decodificação dentária não é um brinquedo, nem uma representação teatral – e os fatos que os dentes revelam nem sempre são de compreensão fácil. Os dentes podem ser lidos em função da disposição do paciente se abrir ou não – e não há motivo para “violar” a intimidade do paciente, se ele não quiser se abrir – a “proeza” terapêutica de decodificação não se justifica nestes casos.

A frase que o paciente usa para responder à pergunta primordial é, em si, o primeiro sinal a decodificar. É altamente importante conseguir entender o que o paciente *não* consegue dizer através do que ele diz. Ouvir, além das palavras, os silêncios do inconsciente, que só tem uma esperança: emergir à superfície para se libertar! O inconsciente, cheio de lembranças dolorosas, de respostas prontas que tornamos nossas sem perceber, de palavras ditas e de segredos esquecidos; este inconsciente dirige nossa vida e pré-molda a vida que acreditamos erradamente ter, por sorte ou fatalidade. O inconsciente é o leito onde amamos *Maya*, o mundo de ilusões que acreditamos ser a realidade do que somos. Mas o inconsciente também é nossa garantia de sobrevivência, enquanto a consciência não se abrir à nossa verdadeira dimensão humana.

Quando mais acompanho pacientes com a decodificação dentária, mais tenho a impressão de um inconsciente duplo. A decodificação dentária, orientada para a biologia total, faz com que expurguemos o inconsciente de dados puramente biológicos e orientados ao conhecimento de Si; liberta o inconsciente de sofrimentos carregado de lembranças. (...)

Monitorar o inconsciente não é tarefa leve. Na decodificação biológica ou psicogenealógica falamos de desprogramação. É como desligar um conduto ao

alimentar a entidade viva e esquecer de religar. Algumas pessoas sabem que é necessário reprogramá-lo; outras não sabem o que fazer.

Parece que se o paciente religa seu conduto a partir dos recursos interiores que lhe pertencem, que são independentes do exterior e não condicionados à boa vontade do próximo, o religamento é potencialmente engrandecedor para ele. A autonomia é adquirida a um preço, o das lágrimas que lavam as marcas de sofrimento sobre a praia que margeia o oceano interior.

Muitos buscam ardorosamente a “liberdade”, mas poucos estão dispostos a aceitar o fato de se sentirem menos amados, pois é incontestável que a pessoa que aceita viver totalmente livre não entrará mais nos esquemas relacionais baseados na troca e, conseqüentemente, muitos de seus antigos conhecidos não terão mais satisfação de “fazer negócios” baseados em relações falsas. Eis aí porque muitos dos que bradam pela liberdade continuam sentados numa prisão, cuja porta muitas vezes está aberta....

Então temos esta nova luz sobre os dentes, repercutindo em circuitos sutis mas extremamente eficientes em termos de recursos humanos. Qualidades intrínsecas do masculino-feminino interior, qualidades e também virtudes, atitudes interiores justas e sensatas que levam ao reencontro e à expressão viva do melhor que há dentro de nós. Volta à nossa natureza sagrada, oculta sobre quantidades inacreditáveis de ilusão ou sofrimento, isto é, da ilusão do sofrimento!

Reencontros inesperados com nossa Essência, dita *divina* em voz baixa porque não ousamos crer, por falso pudor ou medo do orgulho, por temor à heresia ou ao abuso de poder, como se a história de Jesus pudesse se repetir.

Ouse se considerar filho de Deus e você será crucificado, sacrificado! Mas a evolução da consciência, neste século que será espiritual ou não será, nos leva a descobrir esta compreensão perigosa para nossa saúde mental, da qual temos uma fagulha em nós, uma luz de vida de natureza divina.

Vejamos então o que aprendemos com os dentes. Por exemplo: certos ensinamentos incentivam a entrega interior, o encontro interior, sentir o Eu Real, isto é, sentir que nos entregamos totalmente ao Eu Real... Quem já viveu esta experiência sabe do que estou falando. Os outros só podem tentar imaginar ou se permitir ter esta experiência no momento certo. Entre os que já viveram este estado interior, muitos se perguntam por que é um momento tão efêmero. São os incisivos superiores que nos ensinam: quando há descontinuidade entre os

incisivos centrais e laterais, com rotação dos laterais sobre si mesmos, eles revelam uma lembrança de criança abandonada, na genealogia. Então passa a ser estressante para o cérebro biológico viver o estado de entrega, enquanto a pessoa não tiver conscientizado esta informação. E ela pode mobilizar todos os seus conhecimentos e toda a sua força, mas neste caso tudo é inútil – ela não conseguirá erguer o obstáculo colocado pela memória biológica no caminho do sentimento de entrega.

Muitos indivíduos mergulham na culpa de não poder sentir este estado e invocam razões de mérito e dignidade como obstáculos para o encontro da luz interior, quando são apenas soluções de sobrevivência do cérebro biológico, que cumpre fielmente seu dever: garantir que estará vivo no próximo segundo!

Como esperar que o cérebro biológico tolere a entrega quando fala de si para consigo, se uma vez, em sua lembrança, isto já aconteceu na realidade de sua vida? A célula biológica sabe que entrega/abandono é sinal de perigo de morte: então quanto mais proteção, mais alimento!

*Caso: masculino ou feminino, idade, não faz diferença, sinal particular: os incisivos superiores apresentam espaçamentos dos dois lados de cada um deles. Há um dente, um vazio, um dente, um vazio, etc. O paciente sente, no fundo de si, uma grande solidão no seio de sua família. Não há relações entre o casal, nem entre o paciente e seus pais. Se os incisivos centrais se tocam, a pessoa é que não se relaciona com os pais. É o filho largado. Se nesta configuração os incisivos laterais giram sobre si mesmos, como dois biombos de cada lado dos incisivos laterais, o paciente manifesta a lembrança de uma criança abandonada na genealogia. Imaginemos agora que os espaços entre os dentes continuem entre caninos e o primeiro pré-molar: aqui estamos diante de uma lembrança de naufrágio, ruína. A noção de solidão e de abandono é ainda mais forte.*

Cada dente assim relata o passado de nossa árvore e a decodificação dentária traz, pelo menos para mim, o sentido maravilhoso de nos levar a nossa verdadeira natureza, bem além das lembranças dolorosas. Cada dente mal posicionado se comporta como obstáculo ou desvio num circuito sutil, prometendo unicamente não nos levar ao risco de morte, sentimento herdado da célula animal e de 70 milhões de anos de lembrança de vida no planeta Terra.

Trinta e dois dentes e cada um altamente biológico. Isto é, pode ser mensageiro de um *sim* ou *não*. A famosa lei do tudo ou nada, do um ou zero, nos leva ao número 64! São os 64 hexagramas do I Ching, mas também as 64 bases de

aminoácidos que compõem o sistema vivo. Trinta e dois dentes divididos em 4 grupos de 5, oito dentes por hemi-arcada dentária e oito dentes reunidos por cinco.

E como na boca também existe uma língua, aspecto altamente individualizado de nossa entidade viva, podemos então colocar os 22 arcanos maiores do Tarot sobre estas pedras de luz.

Uma terceira abordagem propõe colocar as 7 notas musicais e as 7 cores do arco íris.... Em suma, parece que temos na boca um sistema completo que reproduz a Vida. Um sistema vivo que cuida da consciência adormecida, de alimentar em nós muito mais coisas que um estômago e nosso aglomerado de carne.

Acho que você começa a perceber que o dente está associado ao dinamismo vital até a mais fina sutileza. Quanto mais você avança no caminho interior, mais aumenta sua sensibilidade. Não a hipersensibilidade emocional, nem sintomas pré-históricos, mas sensibilidade diante da Vida e de suas diversas facetas de expressão.

Não vou voltar aqui ao que considero uma necessidade de decisão ou atitude terapêutica do dentista, que é tirar as amálgamas de nossos dentes. Já falei do tema; a amálgama, quando se trabalha em decodificação dentária ou biológica ou quando se trabalha consigo mesmo, em determinado momento se apresenta como uma rolha nos canais de transformação. A experiência terapêutica e, acima de tudo, os efeitos manifestados nos pacientes trazem confirmação suficiente para que eu não precise reiterar o que já disse na primeira parte.

Mas o dente e seus ensinamentos não terminam aí. Um dente tem 5 faces e uma é a face vestibular. É a face voltada para lábios e bochecha. Esta face é normalmente lisa e convexa. Entretanto, com uma luz rasante é possível ver defeitos na superfície, como a marca de um seixo na neve. Não se trata de cárie, pois o esmalte mantém a mesma cor e a mesma consistência, mas do que chamo de impacto de superfície, resíduo de lembranças de vidas passadas. Caso você não tenha esta crença gravada em seu sistema cerebral – a da possibilidade da reencarnação e, portanto, de lembranças de vidas anteriores, invoque o inconsciente coletivo no aspecto de memória coletiva. Veja isto como um reservatório sempre disponível do conjunto de comportamentos humanos já testados e praticados ao longo da História – e que, no reservatório, há diferentes particularidades disponíveis.

Assim, por exemplo, um impacto de superfície no dente número 12, incisivo lateral superior direito, revela uma lembrança reativada do inquisidor. Para isto basta lembrar o papel deste tipo de pessoa no sistema social da época e compreenderá sua atitude certas reuniões e debates. É a pessoa que defende enfaticamente as idéias de um superior, como por exemplo defendendo um orçamento ministerial no qual ela não teve participação nenhuma – e então se entende que é a lembrança reativada do inquisidor. Pode-se colocar este tipo de pessoa em qualquer sistema onde haja uma hierarquia, seja empresa, conselho municipal, etc., mas também família, e encontraremos todas as expressões atuais possíveis do inquisidor (o capacho, puxa-saco, “yes man”, etc.). Não confundir com a lembrança do cruzado, impacto de superfície sobre o dente 11, incisivo central superior direito, que explica outro tipo de comportamento, como em outros o impacto do monge, do missionário ou do carrasco! Estas informações não tem o objetivo de chocar (!) e sim de permitir que o indivíduo se conscientize de seu comportamento e do motivo, para poder acessar a escolha de se libertar. Compreenda-se que a liberdade humana só vai até aí: a liberdade de mudar ou não um tipo de comportamento... O conjunto das lembranças de vidas anteriores acontecerá simultaneamente no estudo dos dentes, desde que se disponha da informação. A decodificação dentária que exponho nestas linhas veio da observação e da compreensão do vivo.

As faces proximais são outras faces importantes dos dentes. Cada dente tem uma face virada para a frente ou para o meio, em contato com o dente situado à sua frente na arcada, denominada face mesial; e uma face virada para trás, em contato com o dente seguinte na arcada, denominada face distal. Em suas faces estão os pontos de contato interdentais, lugares frequentes de cárie. Se uma pessoa perde um dente, seja de leite, seja definitivo, é possível observar, enquanto dentista, na face mesial do dente seguinte (ou na face distal do dente anterior), uma mancha escura no esmalte, mesmo que a superfície apresente uma textura bem lisa. São as zonas de cicatrização de uma cárie espontaneamente consertada pelo organismo. A coloração escura simplesmente atesta a natureza cicatricial do esmalte. Essas cáries, denominadas interproximais, são detectadas em radiografias que mostram as áreas desmineralizadas e levam os dentistas a fazer obturações ditas profiláticas - e nenhum sinal clínico é dado ao paciente. Acho que além de um conflito de diagnóstico (“ahá! Você tem uma cárie aí!”), o gesto é invasivo demais, pois várias doenças do esmalte se

solucionam espontaneamente. Em resumo, o dente frequentemente nos mostra que sabe cicatrizar, como todo órgão do corpo humano.

O conflito dito de diagnóstico é um grande stress, e vindo de um profissional que se supõe que saiba como funciona, emite uma sentença sem apelação para o cérebro do paciente, de modo subliminar ou inconsciente. Todo mundo sabe, pois os dentistas dizem, que uma cárie não se cura sozinha e que se não fizermos nada, vai piorar e é muito perigosa! Apela-se para o medo, mais uma demonstração de como mantemos as pessoas na submissão, fazendo com que aceitem rapidamente qualquer tratamento proposto.

O melhor é fazer um monitoramento sustentado das lesões ditas cariosas e iniciar a desprogramação do conflito, do qual a cárie apenas uma doença que acompanha a fase de conflito ativo. A dor de um dente vem sinalizar a vinda da fase de solução inconsciente do conflito. Na verdade, o esmalte do dente é um tecido que tem sua origem no folheto embrionário denominado ectoderme e a dentina no mesoderme novo. A decodificação dentária ensina que os dois tecidos vão escavar perante um conflito ativo e fazer uma massa em fase de solução de conflito. É o que explica a presença de dentina dita reacinal no fundo de uma cárie, sinal físico incontestável de que o dente sabe reconstruir a dentina. No exemplo das cáries interproximais é mostrado que o esmalte também sabe fazer isso. Por outro lado, é evidente que em caso de grande degradação e no estado atual de elevação da consciência humana, é necessário consultar um dentista para reparar o dente. Se houver perda de substância, reparar é imperativo. Tendo deixado isto bem claro, por que uma cárie pode destruir um dente e mesmo voltar embaixo de uma obturação ou coroa? Simplesmente porque a pessoa continua com as fases de conflito ativo e solução de conflito. Mas como tudo isso acontece no inconsciente, o tecido dentário que centraliza a problemática se destrói. A partir do momento em que o indivíduo aceita que isto é uma solução de sobrevivência para sua biologia, pode-se começar a trabalhar no conteúdo do conflito. A seguir, um exemplo:

*Caso: masculino, 8 anos de idade, particularidade: primeiros molares definitivos destruídos pela cárie, a ponto de sobraarem praticamente só as raízes e isto nos 4 dentes do mesmo grupo. Ele é filho de um imigrante que veio da Tunísia para se instalar numa cidadezinha do sul da França. O menino nasceu na França, o que dá para entender que já carrega um conflito de integração e o conflito “dos refugiados (ou exilados)”. Mas como se não bastasse, ele vê vir ao mundo uma*



*irmã menor acometida de grave doença. A irmãzinha requer atenção total da mãe. O pai trabalha arduamente para sustentar a família. Em casa, ele vive em seu quarto, onde tem tudo que um garoto pode querer: tv, video games, livros e vários brinquedos. No colégio, ele tem um professor muito humano, que enfatiza a noção de grupo. O menino é muito bem aceito pelos companheiros de classe e tem a sensação de estar vivo no colégio. Nunca está sozinho, nem excluído. Em termos de conflito, o que acontece é: das 8 da manhã às 4 e meia da tarde (ele almoça no colégio), ele está integrado num grupo de amigos, de companheiros. Recebe consideração, reconhecimento e atenção. Em resumo, recebe demonstrações de afeto, instantes mágicos em que a amizade substitui o amor. No resto do tempo ele está sozinho, mergulhado no conflito da exclusão, o maior conflito dos imigrantes. Mas o drama é que ele mora com sua família. Como tudo isso se desenrola no silêncio do inconsciente, em 1 ano e mais ele não tem mais nem sombra de pedaço dos primeiros molares definitivos. As fases de conflito e de solução de conflito se sucedem com tal vigor e velocidade, num ritmo tão elevado, que os dentes são “comidos” em menos tempo do que levamos para terminar esta frase.*

Assim a cárie pode devorar os dentes. Bastaria conversar com o menino, deixá-lo falar... se apenas... mas como obrigar essas pessoas a se abrirem a estas realidades, quando além de tudo passam pela prova da perda anunciada de sua filhinha? O exemplo permite explicar perfeitamente a dinâmica da cárie do ponto de vista da biologia total, ensinada com o nome de decodificação dentária por Gérard Athias, meu professor, e por Claude Sabah, Michel Charruyer, etc.

Mas o que se deve lembrar é que na fase ativa de conflito (quando o menino está em casa) o esmalte e a dentina estão em atividade de destruição e o tecido é escavado, e na fase de solução de conflito (quando o menino está no colégio), esmalte e dentina produzem massa. O que destrói os dentes a tal ponto, em nosso exemplo, é a rapidez com que se sucedem as duas fases ao longo do dia, da semana, do mes e do ano. O que também é altamente desfavorável é o fato de que tudo isto acontece no inconsciente. É claro que não é um menino feliz, nem conscientemente, e ele sabe disso. Mas ele não tem as palavras exatas que podem ser simultaneamente programadoras e destrutivas na biologia. A célula biológica roda os programas que tem dentro de si; é o que chamamos de cérebro biológico; é o núcleo, que reage em função do sentido, que pode ser sintetizado em uma só palavra. Assim, cada tecido biológico, em função da origem

embrionária, vai escavar ou produzir massa em fase ativa de conflito e o inverso em fase de solução de conflito. Cada célula se ativará reagindo a um tipo e só a um tipo de sentido.

A atividade biológica, quando a vemos sob o aspecto de decodificação biológica, revela seu sentido básico a serviço da vida; assegurar a sobrevivência da totalidade da entidade biológica. Então, mesmo que pareça difícil de entender, a doença se apresenta como a solução perfeita de sobrevivência. Não tenho a pretensão de ensinar a decodificação biológica e listei as pessoas que podem realmente ensinar com qualidade. Mas eu tinha que expor resumidamente as bases da decodificação biológica, a origem da decodificação dentária.

Uma segunda história me fez entender outra necessidade da biologia viva e inteligente: encontrar o tecido, a célula biológica que centralizará com perfeição um conjunto de conflitos. Para não dispersar as lesões ou para não falar mais de modo tão negativo, para não dispersar suas áreas de expressão, a biologia encontra um órgão para agrupar vários conflitos e permitir que uma só resposta resolva os conflitos vividos no inconsciente. Eis a história:

*Caso: masculino, por volta dos 12 anos, sinal particular: canino superior direito incluso. Seu pai, de nacionalidade algeriana, é receptivo à medicina alternativa e acredita que algo pode ser feito antes de operar o filho para reposicionar os dentes de modo forte. Ele me conta sua história: saiu da terra natal aos 8 anos de idade, obrigado a fugir com a família dos próprios compatriotas, porque seu pai tinha apoiado o lado francês. São perseguidos pelos fellaghas. Escondidos num caminho, atravessam muitos bloqueios, mas conseguem fugir e chegar à França sãos e salvos.*

Então, por que o canino? Segundo a teoria da economia de tecidos biológicos, é o canino e somente ele que poderia reagrupar todos os conflitos principais. Em primeiro lugar, conflito de território no país, depois defesa e depois fuga, exílio: o canino é o dente da proteção do território, herança dos caninos do animal, que os mostra quando deve defender seu território. Além disso, conflito na língua, na palavra: quando eles ouvem o idioma algeriano, estão em perigo de morte, pois isso só acontece nos bloqueios dos *fellaghas*. Quando se fala francês perto deles, estão salvos: o canino está ligado ao chakra da garganta e da palavra, do verbo. Por último, eles só ficam em perigo de morte quando o caminho freia. Quando ele acelera, eles estão sãos e salvos: o canino está ligado à tireóide, órgão

comparado a um acelerador no corpo humano, mas também ao freio. Assim, o canino vai permitir uma solução inconsciente para os três conflitos: território, língua e rapidez de movimento. Pde-se até incluir o conflito principal do canino que é vivido em termos de obediência. O avô foi perseguido pelos *fellaghas* porque escolheu *obedecer* à França!

A posição inclusa de um dente, seja qual for, deve ser considerada como uma doença de conflito ativo ou de solução de conflito? De acordo com os trabalhos de Hammer, nunca há fase “cética” num dente incluso ou, como não há fase séptica, então a inclusão é uma doença de conflito ativo.

Às vezes o dente incluso tem uma infecção secundária ou se enquista. Neste momento convém buscar a solução ao conflito que a vida trouxe, mas que ficou totalmente no inconsciente.

Entende-se que é impossível considerar as propriedades biológicas como antes, a partir do momento que se quer retirar, destas manifestações, informações para ajudar o paciente. Como sempre digo, a doença e, acima de tudo, as doenças dentárias, não devem mais ser vividas como vereditos de falta de higiene bucal. Se a falta de higiene existe, não é à boca que se refere, e sim ao nível emocional do ser. Prova disso são as bocas que têm vagas lembranças de uma escova de dentes, mas que não apresentam cáries. Em biologia, a lei mais fundamental é a do tudo ou nada. Nenhuma lei biológica é aleatória e em consequência disto, não existe outra resposta além de sim ou não, zero ou cem por cento de correlação entre causa e efeito.

A higiene bucal demonstra acima de tudo o respeito que a pessoa tem por si mesma e pelo nível do ser que é o corpo, nosso veículo na Terra. Escovar os dentes é entrar em relação consigo mesmo, no mais profundo da intimidade. Escovar os dentes é respeitar a si mesmo na dimensão mais nobre e mais global. Um testemunho disto é a própria palavra “dente”, que é composta de “d” e “ente”, que revela que este órgão é o portal (o “d” como símbolo de portal) que leva à Essência aou Ser (“ente”, do verbo latino *esse*.)

Há um modo muito benéfico de escovar os dentes, conscientemente e se abrindo à percepção dos efeitos em nosso interior. Este breve momento, repetido pelo menos 2 vezes por dia, se torna um instante de comunhão íntima que logo desejaremos viver mais vezes...

Igualmente, a atividade bacteriológica assume novo sentido. O micróbio se revela o melhor amigo do homem e o fato de que se pode morrer de infecção não se deve só à atividade do micróbio. Nós também temos responsabilidade nisto. Na boca, como em toda mucosa, existe uma flora bacteriológica dita saprofita. Numerosas cepas convivem em equilíbrio, sem causar qualquer dano ao anfitrião. E de repente... a infecção começa. Usemos o exemplo da infecção secundária de uma extração dentária: os mecanismos fisiopatológicos e biológicos estão bem descritos, mas uma simples observação mostra que 9 entre 10 vezes os micróbios cumprem o papel de lixeiros. São eles nocivos e perigosos? O dr. Hammer já descreveu perfeitamente estes fenômenos e não me alongarei mais no assunto. (...)

Pés e mãos têm 5 divisões, artelhos e dedos, cada um associado a um nível do ser humano: espiritual, intelectual, emocional, sexual e físico. A boca se divide em 4 quadrantes: no alto à direita, no alto à esquerda e seus equivalentes embaixo. Em cada quadrante encontramos, em teoria, 8 dentes. Os 8 dentes se repartem em 5 grupos: incisivos, canino, pré-molares, molares e dentes do siso, respectivamente associados ao nível intelectual, sexual, emocional, físico e espiritual. Assim se manifesta a lei das extremidades de contato em cada eixo relacional que funciona no número 5.

Desta descrição compreendemos que os eixos relacionais são sistemas que asseguram a nutrição sutil dos 5 níveis de nosso ser e a meta é transcender a essência humana. No que se refere aos dentes, a informação dita nutritiva pode ser veiculada por manifestações diferentes. Temos informações luminosas que penetram o cristal do esmalte e modificam sua vibração. Expor os dentes à luz do sol é uma experiência notável, mesmo que tenhamos pouca sensibilidade e não nos interesse fazer esta experiência de consciência.

Depois temos as informações sonoras que fazem o mesmo, mas em outra frequência, característica própria das ondas. Assim compreendemos melhor os efeitos das palavras que pronunciamos e dos quais somos os primeiros a sentir os efeitos. Um livro maravilhoso, *Messages from Water*, de Masaru Emoto, ed. Hado (2001), mostra em fotos os efeitos dos sons na molécula de água, efeitos comprovados congelando e observando os cristais de água. Pode-se ver os efeitos claramente diferentes de frases como “obrigado” e “eu te odeio”. Compreende-se melhor a importância de uma voz vibrante e cheia de boas intenções, da voz ligada ao melhor de nós, para transmitir boas vibrações. Quando reconhecemos

que somos os primeiros a nos alimentar do que dizemos, passamos a prestar mais atenção ao que dizemos...

Outra fonte de informação é a temperatura. O frio contrai o esmalte e o calor o dilata. A polpa sente os efeitos e informa o sistema nervoso. Assim também agem pressões e choques na superfície dos dentes. Aqui é o ligamento que transmite a informação de contato, considerada num plano mais físico do que sutil.

O último tipo de informação captado e transmitido pela estrutura dentária são as ondas energéticas do que colocamos na boca, de nossa alimentação. Estudando os dentes em seu aspecto “forma”, retomando a obra de Steiner, entendemos que as pontas e sulcos das faces oclusais transmitem correntes energéticas, como as colunas das catedrais. Toda forma ogival cria um movimento de energia: a cúspide (a ponta do dente) dirige o fluxo energético para o exterior; o sulco de um dente (reentrância) faz o fluxo entrar no dente. Assim temos um sistema completo de trocas de todos os tipos de informação disponível no mundo vivo, do exterior com o interior, dos dentes de cima com os de baixo e vice-versa.

Como o dente é uma extremidade de contato, localizada no eixo relacional do Ser, percebe-se a importância de algo que até hoje só tinha sido apresentado no aspecto utilitário de comer, falar e sorrir. Os dentes são realmente as pedras de luz de nossa catedral interior e nossa atitude com eles deve ser de respeito e gratidão. Também disso trata a decodificação dentária, dando aos dentes toda a importância que a natureza criadora lhes deu e da qual temos que nos conscientizar. E mesmo que o caminho pareça longo, o mais importante é começar. Como diz o Tao, não somos nós que seguimos o Caminho, mas o Caminho que nos leva!

No caminho da tomada de consciência, os dentes se revelam como uma ajuda preciosa e maravilhosamente exata quanto ao conteúdo de uma grande parte de nossa sombra. Um dente mal posicionado, virado ou ausente por ter sido extraído ou não existir, cariado ou exposto (fora da gengiva) está falando a língua secreta da dentadura. Seja qual for o nível que queiramos abordar no indivíduo, seja qual for o aspecto que queiramos observar, a boca apresentará várias leituras, sendo os dentes o centro de um alfabeto infinito.

Portanto, não se pode dizer que existe um simbolismo dos dentes, e sim que há muitos dentes simbólicos. São histórias de nós mesmos, da humanidade; não há conflito humano que os dentes desconheçam.

Nas páginas a seguir, apresentarei os dentes sob o aspecto da ajuda que oferecem para o nobre objetivo do autoconhecimento. Não é possível escrever

tudo, mesmo porque algumas coisas são melhor vividas do que escritas. O ensinamento da decodificação dentária, antes de pretender formar uma técnica terapêutica, é um momento privilegiado de encontro com o melhor de nós mesmos, no centro das experiências vividas e vivas.

## SEGUNDA PARTE

### \*\*\*CAPÍTULO 2

(...) Na boca do ser humano há 32 pedras de luz, e a mensagem de esperança que trazem contém a promessa de uma volta a nossa natureza divina. Cada dente, com suas doenças e más posições, nos faz reencontrar as feridas profundas que temos no emocional e no coração, mas acima de tudo nos oferece a oportunidade de recontactar profundamente nossos recursos vivos.

Refletindo males esquecidos ou recalçados, os dentes nos entregam, pouco a pouco, suas palavras de cura, para reavivar os laços partidos por falta de amor entre a mente, o coração e a alma. A decodificação dentária não é um exercício de estilo literário, e sim uma viagem ao centro de um mundo estranho: o interior do ser humano. A anatomia nos deu os segredos físicos; a bioquímica o funcionamento minucioso e a fisiologia os equilíbrios necessários, ainda que precários. A decodificação dentária nos faz entrar no mundo interior pela voz do coração e aproveitar a energia disponível na boca para voltar à nossa verdadeira identidade, longe das palavras.

Nossa verdadeira identidade - não a que está em nossa cédula de identidade, nem a que nosso pai biológico nos transmitiu - é a que vem do Pai (...) e que podemos tocar em nosso interior com uma experiência denominada Presença. Aqui se trata de religiosidade e não de religião, de nossa natureza sagrada e não de nossa profissão de fé. Também se trata de reencontrar o caminho de Sua Morada, parecida com nosso Templo interior, caminho no qual os dentes surgem como placas de sinalização. Depois de nosso nascimento - e mesmo antes dele, pois temos uma programação de vida chamada de projesentido (falarei disto mais tarde) - nos afastamos da autenticidade e da integridade devido a sofrimentos emocionais. São tempestades imprevistas que fazem nosso espírito se perder no mar da existência.

Os 32 dentes são o espaço quantificável que separa a morada do templo. (...)

Na busca da verdadeira identidade, na necessidade de responder à pergunta “quem sou eu”, o ser humano afirma sua verdadeira natureza. A pergunta não tem uma resposta definitiva, pois a única resposta imutável é “estou morto”! Na dinâmica viva não há uma só resposta, e sim uma resposta nova a cada dia, a cada instante, testemunha da multidão que vive em nós, à imagem deste Deus ou desta Vida: Infinito! Um 8 deitado, revelado pelo dente que tem este número: o dente do siso!

Às vezes contemplo o ser humano com o mesmo olhar maravilhado com que olhamos um livro que acabamos de ler e que adoramos. Nós somos muito bem escritos, sendo cada célula uma palavra perfeitamente colocada com a do lado; cada órgão perfeitamente ligado aos outros como as estrofes da mais bela música. Cada parte do corpo espera para nos transmitir sua mensagem sublime, como um tocante soneto. Cada batimento da vida revela em nosso âmago os versos de efeito mais belo, perfeitos. É nossa imperfeição humana que não sabe se abrir e que tenta corrigir certas palavras, tenta substituir certas pontuações e modificar seu sentido - o sentido que nos outorga o ego, condenando nosso coração ao isolamento! E a dinâmica do oito, o dente do siso, passa pelo três, o canino. E a Vida passa do coração ao cérebro – e dentro deste laboratório exíguo demais, perde o direito aos benefícios da vida.

*Caso: masculino, idade 38 anos, casado, 3 filhos. Sinal particular: 2 dentes do siso inclusos no maxilar inferior em posição deitada, com as faces oclusais voltadas para a frente.*

*O dente do siso incluso revela a existência de segredos na árvore genealógica. O fato de que são 2 dentes de baixo indica que os segredos estão na árvore genealógica da mãe.*

*Resultado das pesquisas: uma tia-avó, irmã da avó materna, não é filha da mesma mãe da irmã. O segredo ficou guardado por mais de 80 anos, até que o paciente foi pesquisar a árvore, sacudiu-a e descobriu isto, graças ao sinal até então não interpretado. Quando sacudimos uma árvore no momento certo, na época dos frutos maduros, eles caem naturalmente!*

O dente do siso pode ser visto como o revelador externo de um sofrimento profundo, acessível à observação. O iceberg se revela num terço da massa visível, que nos adverte que dois terços estão submersos.

O espaço a explorar é nossa biologia, isto é, a matéria que nos caracteriza nesta encarnação. É o laboratório em cujo interior se desenrolam e se adquirem as

experiências da Vida. É o livro onde se inscrevem os resultados de nossa existência e as marcas de nossa Vida. Se a decodificação dentária permite salvaguardar a integridade física do dente (e é capaz disto!), seria apenas uma ferramenta alopática se não nos estimulasse a voltar ao Ser Real, permitindo assim o retorno de nossa identidade divina.

Neste instante do percurso nossa problemática se revela totalmente e por inteiro: a certeza da dualidade! A dualidade é vivida na biologia em seu aspecto masculino/feminino, transposto por erro (ou talvez conscientemente) em homem/mulher no plano humano, mas se tratava de masculino/feminino! O passo iniciado pela decodificação dentária é experimentar através do “ser homem” ou “ser mulher” o equilíbrio sutil e alquímico entre nosso interior masculino e feminino, vividos no plano dito virtuoso. Este nível ou aspecto dual está associado à energia do canino, do qual falaremos mais adiante.

A dualidade deixa aparecer o “2” vivido como “1” e depois “1”! Até a ciência matemática, nutrição privilegiada de nosso mental analítico, nos manda fazer do 2 o 1+1.

Mas as leis da Vida interior propõem a experiência do  $1+1=1$ ... É nossa massa de inconsciente que deixa a coisa árdua e difícil e que abre as portas de par em par para a ilusão de sofrimento. Mas são exatamente os dentes, sede física de nossas maiores dores, que levam ao caminho interior do conhecimento e do renascimento da verdadeira dimensão de Ser humano. São os dentes que mostram o caminho da morada interior e que oferecem a riqueza de um templo.

A “morada” está associada ao primeiro molar, em todo seu simbolismo. O primeiro molar, dente número 6, é portador da energia mais feminina que existe. Portanto, está associado à noção de morada em diferentes aspectos. O primeiro nível de abordagem nos leva à primeira morada da criança. Em seminários e consultas, é comum eu fazer a pergunta “qual é a primeira morada do bebê?” Raros são os que respondem espontaneamente e da maneira certa. Pense antes de continuar a ler... A primeira morada da criança não é a barriga da mãe, e sim o útero. A precisão da palavra pode parecer supérflua, mas é extremamente importante. Muitas crianças aprendem de cor que o bebê sai da barriga da mãe e aprendem que têm que ir ao banheiro quando estão com dor de barriga! Assim se compreende que no cérebro da criança, bebê e “merda” estejam associados!!! Foi na decodificação biológica de Gérard Athias que recebi esta informação, mas o sentido profundo das palavras e seu impacto no cérebro também ficaram profundamente impregnados em mim. Grande parte da compreensão dos dentes



e de sua linguagem secreta provém do sentido das palavras. Acredite-se ou não, a Bíblia diz que Adão deu nome a animais e objetos pela associação dos sons que refletiam a Essência profunda do animal ou objeto em questão. O cérebro humano tem muito a ver com os sons e com sua ressonância em nossa Essência. Assim, a criança sai do útero da mãe e o dente que guarda esta lembrança é o dente 36, o primeiro molar inferior direito. Se este dente memorizou as informações desta fase de desenvolvimento, é também porque está no quadrante número 3 da boca, que tem a ver com a fase material do que chamamos de projesentido. A fase material vem depois da fase imaterial e é no útero que este processo se desenvolve. O que sai é a criança, carregada simbolicamente pelo dente seguinte na arcada, o segundo molar inferior esquerdo, dente número 37.

*Caso: masculino ou feminino, idade, indiferente e variada; sinal particular constante: cáries entre o 36 e o 37, no jargão odontológico cárie ocluso-distal no 36 e ocluso-mesial no 37. Aqui temos direito ao grito vindo do interior por um sofrimento na relação mãe-filho. De acordo com as leis da decodificação biológica, são necessários vários elementos para que a biologia expresse este sofrimento neste lugar. Assim, e de maneira não exaustiva, a presença de um conflito na fase do projesentido aciona na vida do paciente uma interpretação do teor exato do sofrimento pelo inconsciente do paciente, segundo os dados bio-psico-genealógicos memorizados pela célula viva... O 36 exprime todos os sofrimentos de “reconhecimento”, no caso de “não reconhecimento” associados aos da “ingratidão” no 37. Ingrato é um veredito anunciado a vários filhotes (em si mesmo revelador, pois é uma palavra que carrega noção de especulação) e que transmite inconscientemente ao bebê a mensagem de que ele não foi bem recebido na barriga da mãe. O estudo destes diferentes aspectos durante os seminários provoca momentos difíceis para vários participantes, mesmo os que jamais tiveram cárie nestes pontos.*

Voltemos um momento à noção de projesentido. Um indivíduo, seja quem for, é considerado portador do projesentido inconsciente dos pais. É uma situação relacional entre o pai e a mãe ou entre um deles que aguarda solução. No inconsciente de um dos dois protagonistas se elabora uma solução ligada a um stress emocional que será vivido pelo bebê. O melhor exemplo para entender isso é a posição dos 2 pequenos incisivos inferiores, entrados em V em direção à língua. Denominei esta posição dentária de “dentes cubanos” porque 90% da população de Cuba apresenta esta particularidade.

Depois da subida de Fidel Casto ao poder, houve 3 fases de êxodo geral. Em sua maioria, os meios utilizados para fugir do país dependiam do acaso, o que implica em elevada noção de perigo ou risco de vida. Os homens que fugiam de Cuba tinham o objetivo de chegar aos Estados Unidos, onde pediam e obtinham cidadania americana. Depois voltavam para buscar a família. No entanto, alguns que chegavam aos Estados Unidos não voltavam mais e outros morriam durante a viagem. Muitas vezes, o stress gerado pelo desejo de fugir de Cuba era inconscientemente produzido pela chegada de um filho. Isto tinha como consequência “impedir” os sonhos de êxodo, ou “obrigava” o exilado a voltar e procurar a mulher e o filho. A posição descrita dos incisivos revela que a pessoa tem como missão inconsciente, isto é, como projesentido, trazer o pai para casa. O filho tem um sentido de vida no inconsciente dos pais e seu projeto é realizar este sentido, senão ele não viria ao mundo... Entenda-se bem que isto é no inconsciente.

É a noção de projesentido que oferece nova compreensão sobre os dentes e suas formas, como a posição na arcada. Assim podemos atualmente encontrar informações importantes nas raízes. Uma radiografia do dente evidenciará a forma das raízes, e a do número 36 informa como se desenrolou o parto e revela um outro aspecto possível do projesentido. Normalmente, um molar inferior tem duas raízes, cujas extremidades ou ápices são bem separadas, como as duas pernas abertas de um indivíduo em pé. Em alguns casos, as 2 pontas da raiz se encontram, um pouco como a imagem de uma pinça para torrões de açúcar. Este tipo de formato nas raízes de um 36 e de um 46 (respectivamente primeiro molar inferior esquerdo e primeiro molar inferior direito), revela um parto difícil e em 80% dos casos, uma cesariana. Em termos de projesentido, a interpretação é que a criança não deve (não pode) sair da casa paterna. A história da família permitirá compreender porque ou como este sentido de vida representa a solução de um sofrimento.

Depois que a origem vivida na árvore genalógica é determinada, a correlação é estabelecida e o indivíduo pode renunciar conscientemente a este aspecto existencial. Mas o trabalho não termina aí. Desprogramar um projesentido existencial não é o objetivo terapêutico. Neste nível, uma pedra do edifício é retirada, deixando o indivíduo em precário equilíbrio. Imagine uma construção piramidal qualquer. Se você tirar um elemento da base, o desabamento rondará a construção. Então a biologia apela para seus próprios recursos, para sua própria

inteligência diante do que interpreta como um perigo de morte e se apressa a tapar o buraco. É assim que os indivíduos têm conflitos recorrentes.

Este exemplo oferece um ensinamento importante. Em primeiro lugar, desprogramar um projesentido, ou qualquer outro conflito que mantenha um comportamento do tipo solução de sofrimento, é apenas uma etapa. Dar ao indivíduo um projeto de vida adequado é só uma etapa suplementar.

Para garantir a duração da “cura”, é preciso inserir o que se chama de “vigilância”. Ao menor stress emocional após a consulta, se a pessoa não estiver atenta, deixará que o inconsciente substitua a nova pedra pela antiga, que ele achará mais estável perante os pequenos tremores da existência humana.

A única alternativa que o ser humano tem para proteger seu livre arbítrio é se permitir sentir a vida no mais profundo do ser. Sentir a vida é abrir a porta das emoções, lugar de passagem do exterior para o interior. Muitos homens pensam que mostrar os sentimentos é uma falta de educação, de pudor ou de saber viver. Você pode escolher se, em vez da magia da Vida, prefere honrar costumes, tradições e dados educativos que chamamos de crenças. Ninguém pode ficar limpo sem água. A lágrima deve ser recebida como a manifestação mais doce do Ser interior.

O nível emocional representa o limiar da morada interior. E a diferença entre uma morada e um templo está na atitude que manifestamos quando neles entramos. Uma linda história fala disso:

“Todos os dias, um menino entra na floresta e fica lá um tempo. O pai se inquieta, imaginando o que o filho vai fazer lá todos os dias. Certa manhã, ele pergunta: ‘Por que você fica tanto tempo na floresta?’ O filho responde: ‘Para estar mais perto de Deus.’

Aliviado, o pai diz: ‘Ah, mas você não precisa ir até a floresta para isso. Deus está em tudo. Deus não é diferente na floresta.’

Sorrindo, o menino retruca: ‘Sim papai, mas *eu* sou diferente na floresta.’” (trecho de *As novas revelações: uma conversa com Deus*, Neale Donald Walsch, ed. Rocco)

Como bem ilustra esta história, gastamos tempo buscando fora o que está dentro de nós, enquanto *Isto* espera apenas nossa disponibilidade, atenção e consciência. O ser humano recebeu tudo, pois tudo lhe foi dado. Mas tudo não foi dado a um só, e a reunião do Todo passa, por definição, pelo encontro de todas as partes. Ao mesmo tempo, algo está no ser humano, que mesmo que seja apenas uma parte do Todo, contém o Todo. É a virtude do holograma, a consequência

das leis fractais, a própria base da natureza humana, que é de Natureza Divina. Por causa desta Natureza, a solidão não pode existir, embora seja universalmente sentida ou pelo menos vivida. Se somos centelhas e expressões corporais de uma mesma Essência, como justificar ou alimentar um sentimento de solidão, que é a separação? Se esta essência mantém e penetra tudo no Universo, como não entender que solidão e separação são apenas coisas do cérebro? Eis aí a fonte de nossas dores, o fermento de nosso sofrimento. A aceitação é uma etapa que só pode ser atingida após reconhecer o sofrimento vivido. Só podemos curar as doenças que reconhecemos como nossas.

A universalidade de nossa Natureza, de nossa Essência, é o único remédio para os conflitos de separação!

(...)

O dente do siso é associado a quatro meridianos da acupuntura: coração, mestre do coração (pericárdio), intestino delgado e triplo aquecedor. A decodificação dentária como me foi proposta é totalmente fiel a esta associação que data de muito tempo. A decodificação dentária não é uma invenção, mas uma descoberta no nível da compreensão e da interpretação do que existe desde sempre na boca de homens e mulheres. Assim como Champollion não inventou a escrita egípcia, eu não inventei a decodificação dentária. É graças aos trabalhos de meus predecessores, a quem presto homenagem aqui, e não somente do mundo odontológico, mas de todas as profissões e tradições.

O ser humano pode se considerar como uma montagem de “eu”, “mim” e de “si”. Mas não brigemos por causa da dialética; se você prefere outros termos, use-os. Trata-se apenas de saber do que estamos falando. O lugar de passagem do EU ao MIM é orquestrado, transcrito, sentido e interpretado pelo canino. O dente do siso se posiciona na passagem ou no elo entre o MIM e o SI. O dente do siso, que daqui em diante chamarei de “oito” está localizado, sob o ponto de vista anatômico, no nível do ângulo goníaco, formado pela linha vertical e pela linha horizontal do maxilar inferior. Assim, está localizado interiormente no cruzamento e no reencontro de nossa verticalidade com a horizontalidade. A percepção do homem segundo Leonardo da Vinci é o símbolo mais conhecido. Mas o mais antigo é o dente do siso. O oito, símbolo do infinito, nos leva a descobrir todos os bloqueios localizados neste nível do plano relacional, não através do órgão dentário, e sim do aspecto humano ligado ao divino interior.

*Caso: homem, idade 50 anos, três filhos, sinal particular: dentes do siso extranumerários no alto, à direita e esquerda. Um dente extranumerário é um*

*dente a mais do que o normal. Normalmente temos um dente do siso em cada quadrante, isto é, um 18, um 28, um 38 e um 48. O paciente me diz, com muito orgulho, que tem um 28 extranumerário no alto a esquerda e um “rosário” de dentes de siso extranumerários no alto à direita. Um 8 extranumerário indica que na genealogia o pai de um dos filhos é um sacerdote! A programação nos 18 meses antes do nascimento do indivíduo é o fato de que a mãe, na hora do ato de concepção do futuro bebê, está em relação, em todos os níveis de sua biologia, exceto o físico, com o homem de seus sonhos. Ela transmite então ao bebê a informação de que o pai é virtual, ou dito de outra maneira, pertence ao mundo sutil. O Pai do mundo sutil está sempre em nosso inconsciente: Deus! Mas como todas as mulheres estão mais ou menos em conflito inconsciente de incesto, o pai da criança é assim assimilado ao pai da mulher, transposto em pai no quadrante número 1 sob o nome de Deus, mais uma vez. Em suma, trazido para a realidade humana, meu Pai é sempre um padre, sobretudo porque há sofrimento emocional no ato da concepção! Não esqueça que a biologia deve interpretar o que você não ousa expressar e que ela interpreta sempre conforme a memória genealógica.*

Uma mulher casada que sofre por amor usa a imaginação para não sofrer mais, embora apenas um pouco de coragem já bastasse para mudar o comum. Não prego aqui nem a infidelidade conjugal, nem o divórcio. Desejo simplesmente que o ser humano prefira nutrir seu coração com Amor e não seu corpo com rancor, arrependimento e sofrimento. Eu já sugeri isto: é hora de mudar nosso sistema de pensamento e nossas crenças para dar ao ser humano suas letras nobres, que são o A, o M, o O e o R. Isto se escreve com um D, um E, um U e um S. Nós O esquecemos, nos acreditamos separados e achamos que Ele nos expulsou de Sua Morada.

Há tantas formas e tantos tipos de amor quanto flores na Terra. Mas tudo nasce e cresce com o mesmo Amor da Terra e tudo é considerado com o mesmo Amor pelo Céu. Enquanto o ser humano se contentar em experimentar as flores, em vez da Terra e do Céu em seu interior, não terá tempo suficiente para expressar as vidas necessárias a esta experiência. Mas é só contemplando a flor, sentindo seu perfume e experimentando em si esta qualidade de amor que nosso coração conseguirá experimentar mais. O amor humano é a escola do Amor. Entretanto, ele gera tantos sofrimentos que também é obstáculo. As crianças nos mostram que aprender a caminhar é também aprender a cair, mas, acima de tudo, a se reerguer. Quando crescemos, esquecemos a energia da determinação;

esquecemos também a direção do Amor com a desculpa de alguns tombos e dodóis...

Alguns observadores da natureza física do ser humano, diante da frequência de 8 inclusos, isto é agenésicos (agenesia= “a” sem gênese, isto é, totalmente ausente), concluíram que este dente tenderia a desaparecer com a evolução da espécie. As bases desta teoria são: a) o fato de que o desenvolvimento da fase mental ou craniana é acompanhado da redução da linha horizontal da mandíbula, o que diminui o espaço e b) o fato de nossa alimentação utilizar cada vez menos a mastigação e daí o desaparecimento dos molares.

Vamos transpor essas explicações para o plano da relação com nossa venerável, mas ignorada natureza humana; nós substituímos o que certamente é inacessível para alguns pela superracionalização da Vida e paramos de alimentar a dimensão interior verdadeiramente humana, por ser divina – e assim perdemos os dentes do siso. Depois que a humanidade aceitou a separação de espiritualidade e ciência, nós incorporamos esta separação, embora ela tenha sido apenas uma reação inconsciente à usurpação de poder. Com o nível mental e intelectual entronizado no lugar do verdadeiro conhecimento, só continuamos a perpetuar a usurpação de poder. Devolver à Vida o poder de nos conduzir, nos guiar e nos amar não significa tornar o ser humano um escravo ou uma pessoa submissa.

Do sofrimento confundido com a dor nasceu um exército terapêutico, mas também e acima de tudo o comportamento terapêutico. Não esqueçamos que os terapeutas ditos oficiais, a quem muitas vezes dirigimos todo o nosso rancor, já salvaram milhões de vidas. Eles são apenas a materialização do inconsciente coletivo - e querer mudar só o exterior é outra faceta da crença e do comportamento alopático, mesmo que disfarçado sob o título de homeopatia, acupuntura, fitoterapia, etc. A verdadeira medicina holística não está na ferramenta utilizada e sim no olhar e no coração do terapeuta.

Infelizmente, até hoje o sofrimento é considerado uma passagem obrigatória para chegar ao melhor de nós mesmos. Há 2000 anos repetimos: o paraíso é algo merecido! Se tivermos coragem para mudar esta crença; se tomarmos a decisão individual de que não é mais preciso sofrer para descobrir nossa natureza divina; se tomarmos a decisão coletiva de que não é mais necessário conhecer o escuro para viver o claro, conhecer o ódio para amar o Amor, viver o exílio para amar a terra, então talvez consigamos mudar o exterior... É uma questão da ordem das coisas, do sentido da Vida.

Com a argumentação de que se Deus existisse Ele não permitiria todas essas atrocidades, misérias e lágrimas por causa da injustiça de uma morte precoce, ao longo do tempo passamos a querer um mundo sem sofrimento, sem compreender o sentido que nós mesmos demos ao mundo – algo que inconscientemente pedimos. Devemos reformular esta idéia conscientemente, reformatar o futuro de acordo com nossa natureza profunda, feita à imagem de Deus; devemos parar de acreditar que temos que fazer mal aos outros para conseguir o que queremos ou o que nos falta. O sofrimento que fechou nosso coração e o distanciou do melhor de nós mesmos deixou restos em nós, que deveríamos seguir em outro sentido para restabelecer o contato com o Eu interior. Há inúmeros meios de fazer esta descoberta – e os dentes são um deles. É a partir desta aceitação que digo que a decodificação dentária é apenas um instrumento.

É exatamente no âmbito dos dentes que os meios terapêuticos disponíveis para garantir um futuro sereno para a criança no nível físico estão em proporção direta com as dores que os dentes poderiam gerar: a extração! Quem pode afirmar, a não ser os que jamais sofreram de dor de dentes, que extrair um dente é uma heresia? Como recusar o alívio da extração a quem se contorce de dor, quando nada mais adianta? O despropósito é fazer *apenas* isto!

Atualmente é possível experimentar os efeitos da decodificação dentária nas dores ocasionadas por este órgão tão misterioso. E também fazer a interpretação das más posições dentárias antes da correção, para harmonizar o interior com o exterior desejado.

A ciência denominada ortodontia preconiza extrações para abrir lugar para os dentes de adulto na boca da criança. Sempre ou quase sempre a escolha recai sobre os pré-molares, seja dos primeiros ou dos segundos, ou dois dos primeiros em cima e dois dos segundos em baixo. E para garantir o tratamento propriamente dito e evitar as recidivas, são extraídos os dentes do siso, para que não estraguem o que foi feito. Os pré-molares representam o coração e as emoções e extraímos os que simbolicamente representam a passagem interior para a Verdade – os dentes do siso (*em francês são os dentes da “sabedoria”*). Então, de modo esquemático, tira-se do animal que é o ser humano seu meio para acessar a dimensão humana. Isto é simbólico (mas bem revelador), pois mesmo que os dentes sejam extraídos, nada é definitivamente fechado. Os dentes são apenas um meio automático de nutrição (como se a Vida soubesse de antemão a importância e a força do inconsciente), nutrição de nosso âmago, para permitir que um dia estejamos conscientes da voz interior.

*Caso: masculino, idade: cerca de 12 anos, sinal particular: ausência do segundo pré-molar inferior esquerdo. É o que chamamos agênese. A mensagem transmitida pela genealogia é clara: se você crescer, vai perder sua mamãe! Há 2 fatos reais a pesquisar: ou houve o falecimento em muitos níveis de uma mãe na árvore genealógica (evento repetido) ou – e é o mais frequente – há a lembrança de um incesto. Assim, a partir do momento em que a biologia faz o filho passar à idade de procriar, uma distância repentina se instala entre ele e a mãe. O caso também vale para uma mulher, com uma compreensão precisa da história conforme o pré-molar ausente se posicione à esquerda ou à direita, em cima (raramente) ou em baixo. Têm a mesma interpretação os casos clínicos de persistência do dente de leite na arcada, “impedindo” a erupção do dente definitivo. A diferença só diz respeito à intensidade do conflito gravado na árvore genealógica. Atualmente, a decodificação dentária, no que diz respeito aos dentes de leite persistentes, que demoram a cair sozinhos, é suficientemente precisa para expressar o medo exato de crescer que se manifesta através deste sinal.*

*“Se o Sentido maior foi perdido, a moralidade e o dever aparecem.” Lao Tsé, Tao Te Ching. Compreende-se facilmente que se trata do Eu interior, de Deus, da volta à Unidade do Todo que brilha em cada um, mas que a existência esconde quando esquecemos de preferir o interior ao exterior, a Vida à existência. Compreendemos então que foram necessárias muitas páginas para fazer um código de leis, pois a evidência havia sido perdida. Na verdade, não é preciso falar do evidente, embora muitos livros sejam necessários para provar raciocínios, sustentar crenças e fundamentar certezas. Pode-se perguntar, com certa angústia, se a difusão de obras legais é proporcional ao distanciamento de nós mesmos.*

*Caso: pode ser masculino ou feminino; idade: mais ou menos dez anos; sinal particular: retrognatia mandibular. Trata-se de uma posição recuada dos dentes de baixo em relação aos dentes de cima, assim formando um espaço entre incisivos superiores e inferiores que ficam “longe, lá atrás” (termo técnico: overjet). O filho se sente longe dos pais ou mais exatamente, sente que há um grande espaço entre ele e os pais. É um espaço cheio de constrangimento. A criança tem a sensação de ser um incômodo para os pais. Convém pesquisar na genealogia o filho da vergonha. Nós nos livramos do que nos incomoda! Quanto maior é a separação entre os dentes, mais a criança se sente fisicamente anormal, mais quer aliviar os pais de seu “defeito” e mais se distancia deles para não*



*constrangê-los. Ela é a mancha na vitrine. A manifestação óssea mostra a desvalorização sentida pelo filho.*

Quando fiz o curso de biologia humana na faculdade, lembro que no primeiro ano fiquei maravilhado com esta extraordinária precisão mecânica. Maravilhamento diante da inteligência de disposição e coordenação. O que a biologia desfaz, pode refazer e o que ela faz, pode desfazer. É o que a Biologia Total exprime na atitude biológica nas fases de conflito ativo e de solução de conflito. Ela diferencia os tecidos que vão fazer massa ou escavar na fase de conflito ativo, de acordo com a origem embriológica do tecido, e decide quem vai fazer o contrário na fase de solução de conflito.

Sempre me pareceu evidente que se a biologia pode frear uma expansão de tecidos, obviamente ósseos no caso citado, pode reiniciar, se “sentir” uma permissão. Vista de outro modo, quando verbalizamos o sofrimento inconsciente da criança-incômodo; quando encontramos o filho da vergonha na árvore genealógica, a biologia da criança retoma seu processo normal. Basta materializar o sofrimento, e como a criança não tem mais a carga no inconsciente, ela é substituída por um processo normal. Eu repito: não é uma teoria, nem uma certeza: é uma evidência!

O exemplo acima citado também permite precisar o sentido dos dentes em relação ao resto do organismo. Dentro da apresentação do homem relacional que fiz na primeira parte do livro, e como relato em seminários e conferências, os dentes se posicionam no eixo relacional do Ser. (...)

Neste aspecto, o dente que representa a extremidade de contato sintetiza o conjunto dos dados que representam todos os níveis do indivíduo. Eixo maior do um ponto de vista relacional, a relação com o Ser é a relação que melhor se aproxima da noção “holística”. Em si, trabalhar um dente já é um ato de dimensão holística. O que faltava era a consciência da extensão das relações que ligam o órgão dental com o ser vivo. É sempre impressionante ver como a decodificação dentária é útil para desbloquear situações crônicas no nível comportamental e relacional.

Também é implicitamente compreensível que a decodificação dentária de uma patologia infantil não possa ser feita sem a participação dos pais no processo. Lembremos que a criança vai “herdar” situações emocionais pendentes dos pais; tudo que se denomina “conflito” vivido e não resolvido nos 18 meses anteriores ao nascimento. Englobadas no projesentido, as feridas relacionais são transmitidas ao novo humano para que ele encontre uma solução.

*Caso: masculino; idade: uns vinte anos; sinal particular; ápice dos caninos inferiores reorientados em direção ao meio da mandíbula (ápice significa ponta da raiz do dente. Normalmente a ponta está levemente voltada para a parte de trás da boca). Decodificação: o indivíduo deve recuperar um território físico perdido por um dos membros de sua genealogia. É comum ser um terreno perdido de maneira dolorosa por um agricultor. Neste caso, o indivíduo é neto do homem desapossado. O avô tinha o sonho de ser agricultor, pois seu pai (bisavô do paciente) tinha sido agricultor. Mas a guerra veio e ele teve que partir para a luta. Ficou ausente quase 5 anos e quando voltou, as 3 irmãs tinham vendido todas as terras. Sua única opção foi trabalhar como operário. Cheio de tristeza, não soube ser um verdadeiro pai para a filha, que depois trouxe ao mundo um filho que carregava este projesentido inconsciente: “recuperar as terras para que meu pai possa ser feliz.”*

Outro exemplo é o de um agricultor que perde as terras em função de uma represa que vai ser construída. O neto traz o mesmo sinal particular nos caninos de baixo. Ele deve recuperar a terra perdida. Mas para ele o projesentido é mais complexo, pois o inconsciente sabe que deve secar o lago de retenção para recuperar as terras inundadas. Ele deve secar o solo. E é o que faz em seu próprio solo interior, o primeiro chakra, eliminando a água, o segundo chakra. Água é vida. Assim, na relação interior, o projesentido impõe inconscientemente que ele seja um morto-vivo. Somente a tomada de consciência a respeito desta informação pode ocasionar a desprogramação do projesentido. É o que foi feito! Supreendentemente, uma semana antes da consulta ele tinha ido até a margem do lago de retenção e constatou que estava quase seco, pois há muito tempo não chovia. As terras e os restos de casas estavam visíveis e até acessíveis.

Na consulta, sugeri que ele pegasse um pouco daquela terra e a pusesse no túmulo do avô, para cumprir a missão inconsciente. Estes gestos simbólicos permitiram que ele retomasse a posse de grande parte de sua energia vital e principalmente de seu sentido de viver. O que ele conseguiu não precisa mais ser feito!

Talvez esta informação pudesse ser encontrada de outro modo. Mas seria preciso uma longa consulta em bio-psico-genalogia para encontrá-la. Com a decodificação dentária, apenas alguns segundos bastam, com um raio X panorâmico dos dentes. (...)

Tudo que é programado na relação exterior, seja com a matéria ou com os outros, repercute intensamente na relação interior. É o prolongamento da decodificação na relação interior que assegura a reprogramação relacional. A pedra retirada do edifício do indivíduo é imediatamente substituída por outra pedra nova, mais condizente com ele.

Dar ao indivíduo o acesso à integridade de ser e à autenticidade, reensinar a autonomia aos seres humanos é o verdadeiro sentido que dou à decodificação dentária. (...)

## SEGUNDA PARTE

### \*\*\*\*\*CAPÍTULO 3

(...)

A noção de escolha está muito ligada aos caninos, que são os dentes do movimento, pois é de cada escolha que depende a direção que seguimos na vida. É ao longo da face interna (dita palatina) dos caninos de cima que desliza a ponta canina de baixo nos movimentos de lateralidade. Movimento de lateralidade é o movimento que o maxilar inferior faz para a direita ou esquerda, mantendo o contato interdentário. Neste movimento, apenas os caninos devem estar em contato: fala-se então de guia canina. Certas escolas de oclusodontia (oclusodontia é a análise do encontro dos dentes de cima e de baixo, o que determina a oclusão dentária) preferem a guia dita de grupo total -neste caso, todos os dentes do lado para o qual desliza o maxilar inferior deveriam manter contato. Esta modelização de movimento é especialmente usada em próteses. O estudo dos movimentos de lateralidade permite, na odontologia “decodificada”, avaliar retenções, impedimentos ou obstáculos na dinâmica das energias femininas (lateralidades esquerdas) ou das energias masculinas (lateralidades direitas).

Quando surgem escolhas no decurso da existência – e estes instantes são bem numerosos a cada dia – o momento crucial é a decisão. É incorreto pretender que todos os dentes sejam ligados à energia da decisão, por muitas razões. A primeira é inerente ao processo dinâmico existencial, como acabamos de descrever. A segunda é dada pela origem etimológica da palavra *decisão*, que é a mesma da palavra *incisivo*. São os dentes e apenas eles que estão ligados aos problemas de tomada de decisão. Tomada a decisão, o movimento pode acontecer. (...)

É no espaço entre os caninos de cima e de baixo que se movimenta a energia da decisão. Imagine a torneira da água da vida que corre dos dentes do siso superiores para a frente, para os incisivos centrais superiores e depois desce aos incisivos centrais inferiores, correndo então para os dentes do siso inferiores. Ao chegar aos caninos superiores há a escolha, apresentada por um acontecimento ou encontro com a realidade. Neste momento intervêm todos os fatos memorizados em nossa estrutura mental, como crenças, tradições, cultura, educação, etc. Todos os dados intelectualizados estão em correspondência com o nível intelectual simbolizado pelos incisivos e neste caso específico, pelos incisivos superiores. Embaixo se desenrolam as dinâmicas vivas do masculino, no lado direito e do feminino, no lado esquerdo. A movimentação depende do posicionamento adotado simbolicamente pelos caninos, que pode ser observado através dos movimentos laterais, como já foi explicado.

Quando o maxilar inferior desliza para diante, mantendo o contato entre os dentes das duas arcadas, são os incisivos superiores que guiam o movimento. Sempre simbolicamente, este movimento representa a expressão do que somos, ou melhor, do que pretendemos ser. É por isso que nos incisivos superiores podemos encontrar todos os dados comportamentais e culturais emitidos pelo inconsciente de nossos pais. É importante sair dos automatismos que nos transmitem cultura, tradições, sociedade e família para encontrar a autenticidade pessoal.

A observação das posições dos incisivos da arcada de cima oferece uma abordagem sobre os pais. Quando é possível encontrá-los na noção de pai e mãe, a verdadeira pesquisa deve ser feita para identificar a fonte emissora dos arquétipos masculinos, o incisivo central superior direito e dos arquétipos femininos, o incisivo central superior esquerdo. Se o arquétipo masculino pressiona o incisivo central superior direito, talvez o emissor seja a mãe, se ela “veste as calças” em casa... Um dos principais papéis que os pais devem assumir em relação ao filho, para que a estrutura biológica se desenvolva de modo calmo e tranquilo, é o que chamamos de papel protetor. Normalmente o pai está encarregado da proteção exterior e a mãe da proteção interior. Para o futuro do filho, isto evitará medos e angústias exageradas. A mãe protege das angústias, especialmente a da morte, pois em suas mãos está a mensagem de sobrevivência para o filho, transmitida pelo contato físico.

Quando o caso são os arquétipos – como aqui – é evidente que não posso permitir que se perpetue algo machista ou sectário. De modo nenhum afirmo que

o lugar da mãe é em casa e o do pai no trabalho. No entanto, já que o aprendizado se faz pelo exemplo, é importante que a criança tenha um “teatro” organizado. No caso de famílias de um pai ou uma mãe (sem o outro cônjuge), é evidente que esta pessoa tem que assumir tudo, pelo menos momentaneamente. Até lá, é primordial que o pai ou mãe sozinhos saibam em que registro deve representar e quando. Se tudo estivesse em seu lugar, eu não precisaria explicar nada, pois nada apareceria nos dentes – ou apareceria isto! Por isso é necessário falar...(...)

Em hebraico o nome Adão tem o 45 como valor numérico. O 45 também é o número do segundo pré-molar inferior direito. É impressionante constatar que o 45 se situa no quadrante número 4 - nosso nível físico, material, concreto; simbolicamente, a terra. Os dentes número 5 estão associados ao nível emocional do ser humano. Assim, a boca ensina que para deixar surgir nosso “Adão”, a eterna pergunta “quem sou eu?”, é inevitável que façamos viver a dimensão emocional. Mesmo aí só conhecemos o aspecto reacional. Todas as manifestações emocionais que o homem facilmente se permite estão no âmbito da reação. Pouquíssimo tempo e pouquíssima vida são concedidos às emoções profundas, espontâneas, ao que poderia se comparar a um estado de ser.

O dente 45 traz, nas cáries, os traços de conflito dito “traição na amizade”. A presença de tal ataque na estrutura revela que o paciente viveu este sofrimento. A posição da cárie pode até especificar o teatro no qual a peça foi representada. Se está virada para o 46 (primeiro molar inferior direito), a cárie informa que a amizade traída foi no âmbito profissional, pois o 46 representa o ambiente de trabalho. Se o 45 não tem cárie, mas manifesta no nível de seu ápice (a ponta da raiz) uma rotação para a frente (a rotação normal é para trás), ele nos informa que a biologia do paciente gravou um sofrimento de traição de amizade no decurso dos 18 meses antes do nascimento. O programa está lá e segundo as leis da biologia e do inconsciente, tudo está preparado para que seja revivido. A traição, na memória da Humanidade, é castigada com o exílio. O banido não é condenado; é proibido de permanecer no território do Senhor que pronunciou a sentença. Quem o encontrar pode matá-lo sumariamente. Vamos então encontrar uma cárie no 46, que também tem traços do “banido”. Convém agora pesquisar as implicações na relação deste sofrimento. Na verdade, se a biologia reage perante toda problemática territorial, não devemos esquecer que o primeiro território que o inconsciente humano conhece é o da integridade do ser. Quem carrega o sofrimento do banido custará muito para voltar a seu interior em sua terra sagrada. A terra é o elemento que corresponde ao 7, o segundo molar. Começamos assim a ver que se a energia de vida está bloqueada no nível do 45 por um conflito de traição neste exemplo, o 46 e o 47 não serão mais alimentados por essa energia. É como uma barragem colocada num rio; a água fica parada.

Aqui vemos a quantidade de níveis de leitura que o dente abriga. Pode parecer complicado e desanimador, mas com um pouco de prática e, acima de tudo, com

a experimentação em si mesmo, descobrimos uma lógica maravilhosa: a do vivo!  
A biologia!

Continuemos a viagem pelos dentes de movimento. Há dois meridianos de acupuntura associados aos caninos: o meridiano Fígado e o meridiano Vesícula Biliar. A medicina chinesa diz que o fígado é o general que elabora os planos e a vesícula é o juiz que decide. (...)

O canino, que vem da palavra cão, representa as presas do animal. É uma arma de defesa, antes de ser um meio de ataque. A presa simboliza a capacidade de morder, de causar medo e reflete, mais ou menos fielmente, a força do predador. Mas no ser humano, traz também uma noção de limites, dentro dos quais vamos evoluir. Em nosso caso, as barreiras são virtuais, muitas vezes. Seu nome é dever e moral, obediência e submissão.

*Caso: homem ou mulher; idade: mais de 15 anos (para ter os caninos adultos na boca), sinal particular: caninos de cima longos e pontudos, com a eminência canina fortemente acentuada. A eminência canina é a saliência óssea situada ao nível da raiz e palpável sob a gengiva. A presença deste sinal demonstra que a criança tem uma genealogia onde o dever e a moral são parâmetros inflexíveis do que se pode ou não fazer. Por trás dessas noções de fácil acesso para a consciência se escondem aspectos mais conflitantes como obediência e submissão. Convém pesquisar na árvore genealógica o acontecimento doloroso induzido pela decisão de um homem cuja posição e influência na “matilha” tornam toda contestação impossível. Estranhamente, por trás do peso do dever e da moral transmitida pela herança relacional esconde-se uma forte aptidão para a rebelião. A mesma coisa traz o sofrimento e o recurso, sendo que este último só é acessível depois que o sofrimento for liberado.*

*Outra informação que podem transmitir os caninos é a obrigação inconsciente de saber se proteger sozinho dos outros, de início porque falta o pai em seu papel protetor e depois porque a criança carrega indícios de uma grande solidão. O fato se torna bem mais real quando encontramos na anamnese do paciente um episódio de mononucleose infecciosa, reação biológica da pessoa que tem que se esconder pelos cantos. Os caninos salientes e pontudos alertam a biologia dos outros que podemos morder, exatamente porque não temos consciência de saber nos defender.*

*Imaginemos agora que o paciente tem pontas achatadas nos caninos, como se tivessem sido limadas ou gastas. Isto revela que para poder viver, é necessário eliminar as barreiras do dever e da moral que a família impõe por tradição ou*

*convicção. Encontramos aqui o peso das crenças religiosas, das tradições familiares, etc.*

Tendo em vista os exemplos aqui dados, incisivos e caninos se apresentam como um verdadeiro *pedigree*. É impressionante notar que até uma idade avançada o ser humano só mostra os incisivos e caninos superiores e apenas tardiamente ele inverte o processo, mostrando então o bloco incisivo-canino inferior e ocultando o superior. É uma espécie de passagem de “sou filho de” para “eu sou”. Seria interessante verificar se a mudança ocorre quando o indivíduo passa a ser o patriarca de sua genealogia, quando não se apresenta mais como “descendente de” e sim “genitor de”. Continuando com o registro de filiação, encontramos a patologia dita prognatismo mandibular. Neste caso clínico, quando o paciente fecha a boca os incisivos inferiores passam à frente dos incisivos superiores. Diz-se que é uma anomalia hereditária. Eu digo: “mas com certeza houve um primeiro!” A decodificação desta modificação biológica requer que encontremos na genealogia o homem que teve que (que foi obrigado) exercer a mesma profissão que o pai. Ele inicializa o prognatismo e sua escolha será dar ou não a seu primeiro filho a força e a coragem de mudar a herança profissional familiar. O prognatismo sempre é a solução inconsciente de um conflito vivido no âmbito profissional. Na maioria das vezes, senão sempre, os caninos inferiores se encontram atrás dos caninos superiores. Isto permite manter o rumo de vida livre das obrigatoriedades da hierarquia familiar e ser capaz de viver e expressar o “quem sou eu” na atividade profissional. (Quatro casos de prognatismo decodificados e quatro verificações deste sofrimento grande na árvore, por ser obrigado a exercer uma profissão imposta pelo patriarca.)

Somos subjugados por nosso inconsciente enquanto não temos consciência disto. Apesar da frase ser rica em ensinamento, ela não permite explicar o processo. A própria definição de inconsciente parece bem difícil de discernir. Minha experiência profissional em decodificação dentária, mas também em decodificação biológica ou ainda a bio-psico-genealogia conforme aprendi de Gérard Athias, me levou a fazer certa distinção entre o inconsciente puramente biológico e o inconsciente puramente humano. De um lado existe todo um processo relacional do tipo biológico, memorizado em tecidos e órgãos e que permite um comportamento autônomo da célula viva - e do outro há um processo reacional do tipo relacional, herdado de nossa árvore genealógica e que influencia nosso comportamento humano. Entre esses 2 aspectos prováveis do



inconsciente, um elemento comum se posiciona: o emocional. O nível emocional do ser humano talvez seja o único lugar onde é possível desprogramar o funcionamento automático da célula biológica. É neste lugar da atividade viva que podemos recuperar a dimensão humana.

Recordemos: a biologia tem 5 níveis: espiritual, intelectual, emocional, sexual e físico. Os 5 níveis se encontram na boca, respectivamente: a língua, o quadrante superior direito, o quadrante superior esquerdo, o quadrante inferior esquerdo e o quadrante inferior direito. Mas vai mais longe ainda, pois a biologia, entidade viva, responde às leis da análise fractal (cada parte do todo é a imagem do todo). Assim, no interior de um mesmo quadrante encontramos os 5 níveis repartidos nos 8 dentes que cada quadrante deve conter. A divisão dos 8 elementos por 5 já foi feita pela acupuntura. Faltava identificar os níveis biológicos nos 5 grupos. Do meio para o fundo temos: intelectual, sexual, emocional, físico e espiritual; respectivamente: incisivos, canino, pré-molares, molares e dente do siso. Sempre conforme as leis da análise fractal, seria normal encontrar estes 5 níveis no interior da célula viva, assunto que não é da minha alçada e que deixo para quem tem o talento e a capacidade para isso.

Voltando à boca, que é da minha alçada, o nível emocional se posiciona entre intelectual e sexual de uma parte e material e espiritual de outra parte. No nível emocional encontramos o primeiro pré-molar, portador da energia do coração - não o órgão físico, mas o lugar de encontro entre verticalidade e horizontalidade. É o simbolismo do número 5, o homem realizado que se posiciona neste ponto. O centro emocional é a porta de entrada do coração. Se o dente número 4, primeiro pré-molar, se mostra sob a palavra afeto, o dente número 5 responde à emoção. Eu passo bastante tempo nos seminários explicando o lugar e o papel de cada nível na boca e transpondo-o para a atividade relacional do ser humano. Sob este ponto de vista, a realidade humana se revela de modo diferente. Cada nível assume seu lugar adequado e se revela como indispensável aos outros quatro, sem que nenhum em especial tenha lugar privilegiado. A boca mostra isso perfeitamente: retirando um dos níveis, seja sob a representação do grupo dentário ou da arcada considerada em sua totalidade, veremos a repercussão imediata no equilíbrio do conjunto. Assim, não é humanamente justo privilegiar o nível intelectual associando-o ao nível material, nem o contrário, e também não é justo fazer do nível sexual mais ou menos do que o que ele NÃO é. Cada nível é um bloco do edifício: nem mais, nem menos importante que o outro.

*Caso: mulher, idade: 12 anos, sinal particular: agênese do 45 (segundo pré-molar inferior direito). O problema aqui é entre a filha e o pai. Se ela crescer, vai perder seu papai.*

*Papai e mamãe ainda a tratam como garotinha. A criança com 12 anos vê sua biologia se modificar sob o efeito dos hormônios sexuais. Entre os diferentes membros da matilha que constitui a família ocorrem discursos diferentes. Quando a filha se aproxima do papai ou o filho da mamãe, o inconsciente biológico encontra-se numa situação reprodutiva em potencial. Se há memórias de incesto nas lembranças da árvore genealógica, manter distância pode ser a única solução. “Não sente em meu colo, você tem os ossos muito pontudos (ou está muito pesada)” é uma frase que deixa passar um discurso inconsciente diferente: “não sente em meu colo, não sei como vou reagir...”*

*A lembrança do incesto familiar é corroborada pelas raízes dos 6 de cima que se unem como se fossem apenas uma. O 6 é o primeiro molar. No maxilar superior, ele é formado por três raízes bem distintas. O maxilar superior está em relação com as energias “céu”. Assim, as 3 raízes correspondem à trindade: pai, filho, espírito santo. Se as 3 raízes se unem é porque não foi possível distinguir o filho, o pai, o avô... O estudo da árvore permite encontrar estas informações.*

*Outra informação pode ser a origem desta agênese: a morte de um pai deixando um filho pequeno, com repetição do fato vivido em muitos níveis da árvore. Lembremos que muitas vezes, quando a criança é pequena, a morte é anunciada com metáforas: papai foi embora e não volta mais ou papai foi para o céu. A primeira frase gera o sentimento de abandono (papai abandonou o filho!) e uma violenta cólera que levará certo tempo para se exteriorizar. A segunda frase, mais comum, tem como consequência biológica a formação do palato em ogiva que se apresenta em forma de um palato muito profundo e da falta de crescimento para os lados. A ogiva orienta a circulação energética para o alto, como a das catedrais (estudos de Steiner). Se o filho grava a informação do pai ausente ou do pai morto nos 18 meses antes de seu nascimento, é natural que busque o pai no céu!*

A fase edipiana é uma fase normal. O sofrimento vem quando “édipo” se torna incesto. O incesto é um conceito difícil de explicar numa consulta de decodificação, pois trabalhamos com dados inconscientes e não necessariamente verificados. Encontramos lá os 5 níveis da biologia acima citados. Contrariamente à noção geral, o incesto (e o mesmo vale para o estupro) pode ter sido memorizado num inconsciente biológico, mesmo que não vivido no nível sexual. A explicação é mais eloquente para um estupro. Imagine um jovem (masculino ou

feminino) de 14 a 16 anos (embora a idade não importe, pois o mesmo se aplica a um adulto), que chega em casa. A casa foi assaltada e quando ele entra em seu quarto, tudo está de pernas para o ar. Há marcas de sapato no travesseiro e seu cofrinho está quebrado e vazio. Há elementos suficientes para que sua biologia memorize um estupro, embora tenha sido apenas um roubo. Seu quarto é seu território privado, assimilado pela biologia como seu território físico, isto é, corpo físico. A cama é seu lugar íntimo, assimilado à sua intimidade física e a tudo que tem a ver com sua sexualidade. E o cofrinho tinha seu dinheiro, assimilado pela biologia à energia sexual. O jovem foi violado no nível físico, intelectual e emocional na realidade e sexualmente por transferência.

Para o incesto, cenários diferentes podem ter as mesmas consequências inesperadas. Para o cérebro biológico, a única realidade é sim e não. O talvez não existe. Nas cores, seria preto e branco, sem cinza. É ou não é!

Tendo dito isto, anuncio o pior: o incesto só bloqueia o mental. O nível biológico precisa perpetuar a espécie e ri do mental.

Como exemplo, uma jovem de 12 ou 13 anos, biologicamente em idade de procriar. Se consideramos apenas o nível biológico, podemos usar a imagem de uma corça. Ela brinca e rola despreocupadamente sobre a relva. De repente, sua biologia passa para a fase adulta e ela atinge a idade de procriar. Como é uma corça, não precisa esperar terminar os estudos... pode responder naquele mesmo instante ao chamado da natureza, de sua biologia. Ela levanta a cabeça e procura o macho da espécie. Mas não qualquer um – como animal, procura o mais belo e forte, o que domina a tropa. Para o ser humano e para todas as meninas do mundo, o mais belo e mais forte é o papai! Assim evolui nossa estrutura biológica. O que vai gravar os sofrimentos e as mensagens de incesto no centro do inconsciente biológico é o silêncio. Ninguém diz nada, ninguém ousa dizer nada. E se ninguém ousa falar do que está acontecendo com a biologia é porque isto não está “certo”... O papai para de pegar a filha no colo e evita contatos muito próximos, mas não tem coragem de se conscientizar de suas manifestações biológicas. No entanto, não somos só animais; também somos seres humanos. Temos o direito de dizer a nosso sistema biológico que entendemos sua reação do tipo sexual, mas que esta corça é nossa filha e que está totalmente fora de questão a reprodução entre filha e pai ou qualquer outra união conjugal. Conte a história da corça a muitas jovens e todas desataram em gargalhadas salvadoras e depois de enrubescerem um pouco, me garantiram que tinham entendido tudo muito bem. Todas falaram com seus pais e as relações se transformaram “milagrosamente”. Eis aí a nobre utilidade da decodificação

biológica: transformar as relações animais em relações humanas. Uma coisa é muito importante: essas coisas não são feitas de propósito. Os pais devem compreender que não se trata de um tribunal, onde aptidões e erros são julgados. O objetivo da decodificação dentária é dar voz à vida que fugiu de cada um de nós com os múltiplos roubos do sofrimento emocional.

Ninguém, ao agir no tumulto do cotidiano, tem suficiente atenção ou consciência necessária para perceber o alcance de seus atos. Um tipo de consciência nova está sendo proposta à humanidade, com esta liberdade extraordinária: ninguém é obrigado a crer. Apenas a sinceridade sugere que se faça a experiência e se observe os efeitos destas propostas. Também não se trata de pretender fazer melhor, mas simplesmente diferente. Enquanto os dentes tiverem cáries e ficarem “atravessados” na boca de nossos filhos é porque sua integridade mais profunda, sua autenticidade de ser está sendo maltratada.

Nossos antepassados não são prejudicados por nossa intrusão no passado. E também não há nada a reprovar neles. Eles fizeram o que podiam e cinquenta anos mais tarde os conhecimentos ou as técnicas permitem que se faça diferente. A escolha terapêutica é uma decisão do paciente. Só ele pode aceitar mergulhar no inconsciente para reencontrar os sofrimentos que soube guardar tão bem dentro de si.

*Caso: feminino; idade: mais de 12 anos; sinal particular: 23 (canino superior esquerdo) incluso. Um dente incluso é um dente que vemos num raio x, mas que não chegou a irromper na boca e que está deitado no osso - e para o 23, está no nível do palato. Esta patologia revela lembranças de estupro. O dente 23 traz a expressão da submissão, que é a da mulher violada por um agressor. É o primeiro conflito maior a pesquisar na genealogia de alguém que apresente esta patologia. Depois vamos pesquisar num nível menor a mulher que foi obrigada, contra sua vontade, a aceitar que lhe tirassem um filho após o nascimento, muitas vezes porque era ilegítimo. A decisão parte de um homem que manda no clã familiar. Tive ocasião de fazer 2 decodificações de 23 inclusos, mas me falta pesquisa retroativa suficiente para conhecer os efeitos biológicos.*

A particularidade do dente como órgão do corpo humano é o que nos permite entrever as consequências nas relações do casal interior. Em outro nível, as modificações dentárias induzem comportamentos ligados a sofrimentos na árvore genealógica, para que não se reproduzam mais ou para que sejam aliviados. Uma mulher com o 23 incluso será sempre uma mulher do tipo dominadora. Para que

não sofrer mais imposição masculina, ela mantém a capacidade de jamais se submeter. Mas para evitar um novo confronto, em sua árvore genealógica e neste tipo de situação, ela dará um jeito de se cercar apenas de homens “fracos”, para não dizer castrados. (...)

Uma mulher (mas o mesmo se aplica a um homem, no que se refere a estas explicações), por falta da guia do 23, buscará sempre obrigações morais muito rígidas e severas. Isto feito, seu mental a impedirá de ter acesso à sua espontaneidade e dificultará o contato com seu feminino interior. Neste caso, sua própria mulher não permitirá que se aproxime sua parte masculina severa demais. É uma relação de par interior através da dinâmica vertical, sendo o masculino o nível mental que, por introspecção, vem ao encontro do feminino interior.

A herança genealógica e as consequências biológicas usadas para não sofrer se tornam entraves e obstáculos à relação interior. É a relação interior com o ser profundo que se apresenta como o único caminho capaz de nos abrir à nossa dimensão humana e sagrada, escondida nas profundezas da estrutura biológica. O cérebro da célula viva grava tudo e transmite tudo a nossos descendentes. Sobretudo o sofrimento, sentido nesta obscuridade como perigo de morte. Assim ela transmite suas soluções de sobrevivência – entenda-se aqui as soluções para não sofrer mais.

No topo da estrutura biológica o mental intelectualizado assume o lugar de chefe orgulhoso. O cérebro, dito sistema nervoso central, gerencia nossa existência com mais ou menos êxito, mas sempre objetivando eficiência máxima. Até a doença, assim chamada porque invalida o conceito de vida em sociedade, é uma solução perfeita de sobrevivência!

No canino, a Vida nos oferece a escolha de parar de fazer do exterior o único mundo, a única realidade, a mesma que nos limita ao plano animal. No canino temos a escolha entre isso ou entre nos interiorizar. Os incisivos permitem que voltemos os sentidos para o interior, para que o canino abra as portas de nossa essência. O corpo pode se tornar o templo mais sagrado da vida – e então talvez renasça em nós a Presença que tanto procuramos no exterior. Se não modificarmos a atitude e o comprometimento no nível dos caninos, a energia dos dentes do siso não poderá ser eficaz. Estes dois dentes estão sós em suas respectivas **cavidades (lodges)**, mas funcionam em sinergia. Simbolicamente, o canino pode ser apresentado como a ponte entre o *eu* e o *mim* e o dente do siso entre o *si* e o *mim*. Neste momento a trindade interior é ativada e pode se revelar ao coração, ao céu e à terra interior.

## SEGUNDA PARTE

## \*\*\*\*\*CAPÍTULO 4

(...) Verdade, Belo e Bem. O Bem é percebido através dos caninos, o Belo através dos primeiros pré-molares e a Verdade corresponde ao dente do siso. (...) No Vietnam o homem honesto (autêntico) é reconhecido pela pontualidade. Reencontramos aqui a correspondência de sinergia entre o canino e o dente do siso mencionada no capítulo 3. O tempo está ligado ao canino através da glândula a ele associada: a tireóide. Mas os conflitos ligados ao tempo em determinado nível serão expressados em outro lugar, como veremos. A tireóide será o lugar da solução de sobrevivência, que se expressa acelerando ou freando, se comportando assim como os dois pedais num carro. É incrível ver que o tempo não existe para nossa biologia: um acontecimento ocorrido há décadas continua vivo em nossa célula como se tivesse ocorrido há 1 segundo. No entanto, este tempo continua sendo objeto de várias reações biológicas.

*Caso: feminino; idade em torno dos 50 anos; sinal particular: sempre e invariavelmente atrasada para os compromissos desde o início de sua vida profissional. Este caso clínico não tem nada a ver com um dente específico, mas é altamente significativo para as feridas ligadas ao tempo. Na primeira consulta a paciente chega com meia hora de atraso. Devido à impossibilidade de atendê-la, marcamos o trabalho previsto para a semana seguinte e marcamos mais duas outras consultas. Na semana seguinte, o mesmo cenário: meia hora de atraso. Muito constrangida, a senhora me explica que desde que começou a trabalhar não consegue ser pontual. Isso já lhe custou muito caro, além da perda de contratos. Mas tudo ocorre à sua revelia e ela está sempre atrasada! Depois de várias perguntas, verifica-se que seu avô, mineiro por profissão, escapou de morrer 3 vezes porque estava atrasado para descer até o fundo da mina! A partir da terceira consulta ela chega no horário – a tomada de consciência do vínculo entre o stress do avô e a missão do inconsciente biológico que deve garantir sua sobrevivência permitiu descontinuar o processo. Eu não sei se a cura se manteve, mas foi notável...*

(...)

A localização biológica de certos tipos de stress ligados ao tempo é a articulação temporo-mandibular, dita ATM. Várias patologias podem tocar este nível biológico: a mais comum é a dor simples que provém da mastigação ou é

espontânea, depois vêm os estalos e o ranger (**deixei ranger na falta de outro melhor**) ao abrir ou fechar do maxilar. O mito grego de Cronos me fez compreender a decodificação deste nível biológico. Cronos castrou seu pai Urano com uma foice. Urano odiava os filhos.

Depois, Zeus foi o único filho que escapou de Cronos, que arremessava os filhos de volta às entranhas da terra. Zeus tomou o lugar de Cronos e se tornou Deus do Olimpo.

*Cistius, altius e fortius* – “mais rápido, mais alto e mais forte” sempre foi o lema do Olimpo, bem antes dos jogos olímpicos.

Os movimentos de abertura do maxilar inferior, feitos segundo a cinemática do tipo baioneta, são o meio inconsciente biológico de ter à disposição a arma ideal para tomar o lugar do pai. Não se deve esquecer o sentimento de desprezo, que se manifesta através da palavra. Na verdade, o osso temporal que recebe a articulação do maxilar inferior nos impõe o laço onde há o testemunho, o laço entre tempo e oralidade (*osso temp-oral*). A ATM reage em função do mito de Cronos. As dores são manifestações de conflito da oralidade com a autoridade, normalmente a do pai, entendido como chefe da família. Reitero que este papel também pode ser representado pela mãe. É útil aqui saber se é o pai ou a mãe quem “veste as calças” na família!

*Caso: feminino; idade: um pouco mais de 20 anos; sinal particular: dores espontâneas na ATM direita durante o movimento de abertura, mais comumente em seu local de trabalho. Esta paciente gerencia processos litigiosos em um banco. Eu lhe explico o significado das dores, o fracasso no confronto oral com a autoridade (fracasso porque a dor vem após a abertura); ela diz que é impossível argumentar com seu pai. A dor simples revela a impossibilidade de argumentar, de falar com o pai porque ele está muito lá em cima, porque é muito mais rápido ou muito mais forte. (Aqui estão os termos do lema do Olimpo) Mesmo que não conheça nada sobre determinado tema, o pai não cede nunca – é muito forte. Imagina-se que o sentido como desprezo possa ser ocasionado pela teimosia deste tipo de pessoa, o que dá vazão para a ATM carregar a expressão do conflito, segundo o mito. Mas a particularidade neste caso clínico está no lugar onde surgem as dores: no local de trabalho da paciente. Ela percebeu que as dores só surgiam quando estava com pessoas que não entendiam nada do que ela explicava e que inconscientemente isto a levava à mesma situação que ocorria*

*com seu pai: a obrigação de repetir a mesma coisa mil vezes, sem ter certeza dos resultados!*

Certas patologias da ATM, como já mencionei, se manifestam com um estalar ou ranger. Neste momento sabemos que o menisco na articulação está sofrendo. Fazemos então a decodificação do menisco (patella) do joelho, que é “conflito de obediência e de conciliação” e o adaptamos à problemática própria da ATM. Um estalido na abertura significa que não consigo encontrar a voz para falar minha verdade, com uma conotação de fracasso, de impossível. A noção de conflito de obediência ligada ao menisco faz supor que o paciente também é portador de um conflito ligado à submissão, isto é, que há grandes chances do dente 23 estar envolvido no processo. Lembrem que o canino gera os movimentos de lateralidade. Se o canino esquerdo está enfraquecido, é a articulação direita que sofre. (...)

Continuemos com os dentes do siso. É comum encontrar pacientes que tiveram os dentes do siso extraídos devido a dores na ATM. A frequência de sedação das dores depois da extração é apenas média, mas parece ser suficiente para que continuem a recomendar a extração. Recordem as palavras que já mencionei antes e que estão ligados ao dente número 8 – sinceridade e honestidade (franqueza, autenticidade). Na apresentação das patologias decodificadas da ATM, é evidente que as duas palavras estão totalmente correlacionadas. Então, faz sentido encontrar uma resolução inconsciente do conflito de confrontação oral pela extração dos dentes do siso. Quando desdenhamos a franqueza, podemos nos dar ao luxo de entender qualquer pessoa! A extração de um dente é apenas a resolução inconsciente de um conflito. Para compreendê-lo melhor, usemos o exemplo da vesícula biliar. Biologicamente, ela carrega os conflitos de rancor. É evidente que a ablação da VB não resolverá o problema. No nível do dente, pode haver remissão momentânea da problemática com a extração. É como permitir a descarga de uma quantidade importante de stress por este ato cirúrgico. No presente caso, é como se eliminássemos o stress da franqueza, e num só golpe, os conflitos ligados a discussões pudessem ser suportados melhor do que antes.

A ATM e os dentes do siso também estão ligados ao conceito de verdade. Aquele que sempre nega o que é evidente coloca seu inconsciente em stress. A extração do dente permite o alívio momentâneo deste aspecto. Levará certo tempo para a pressão retornar totalmente. Se por acaso as condições exteriores não continuarem, a sedação pode durar mais. O problema é que tudo foi gerado em



total inconsciência e que foi perdido um dente... por nada! A ligação triangular entre dente, órgão biológico distante e conflito foi apresentada com precisão na primeira parte do livro. É apenas a evolução lógica da conexão realizada pelo dr. Orsatelli em sua tese de terceiro ciclo sobre as ligações dento-dentárias e a somatotopia dentária proposta por ele.

Outras notáveis coincidências temporais de extração de dentes de siso: as que acontecem para os jovens que passam nos exames finais. Não é raro ver nas consultas acidentes ditos de erupção de dentes do siso, que acontecem em plena época de exames. Nestes casos particulares, convém se interessar por outro termo: a enganação. A enganação e as mentiras serão notadas na boca como herança relacional genealógica nos dentes semi-posicionados na arcada. Por ex: o dente do siso sai só pela metade. Nota-se a ponta do dente, mas o resto está embaixo da gengiva, como se estivesse bloqueado pelo dente da frente.

*Caso: homem, idade: uns trinta anos; sinal particular: o 38 e o 48 (siso inferior esquerdo e direito) em semi-posição na arcada. A história é praticamente inacreditável: uma mulher casa e quer ter filhos. Mas o marido não quer filhos e a obriga a seguir rigidamente o calendário de seus ciclos de ovulação, mantendo relações apenas nos períodos férteis. Mas a mulher, fiel a seu ritmo biológico, mente para o marido a respeito do calendário. Resultado: um filho, o irmão mais velho do paciente em questão. Zangado, o marido suspende todas as relações sexuais até o dia em que surge a pílula contracepcional. Ele obriga a mulher a tomar a pílula, se quiser retomar as relações sexuais. Ela, sempre seguindo seu ritmo biológico, concorda até o dia em que toma outra pílula, que não tem o mesmo efeito que a anticoncepcional... e nasce nosso paciente, filho da enganação! Ele traz na boca os traços das condições de nascimento - suas e do irmão - um projetado bem incomum: para que venha a vida, deve haver enganação e mentira. O paciente reencontra esses elementos em todos os grandes momentos de mudança de sua existência, com o sofrimento que se pode imaginar.*

A biologia é assim: um efeito (e o que é sentido), uma só causa (a modificação biológica), resumidos num só termo. Os cenários podem variar, mas o que é sentido é invariável. O que é sentido grava uma carga emocional num traço sutil, transmitido de geração em geração e acima de tudo com a solução ideal de sobrevivência. Quando a biologia reconhece a natureza do stress na ocorrência e no que é sentido, aplica uma solução conhecida e transmitida pela

hereditariedade. Os maiores stresses de nossa genealogia serão os tijolos de nossos alicerces e nossa vida se submeterá a isso. O trabalho de autoconhecimento começa pela compreensão deste tipo de esquema. Queridos pais, aceitem de bom grado responder às perguntas de seus filhos, que as fazem não para julgá-los, mas para curar o que vocês viveram e acima de tudo, o que sentiram no fundo do coração.

Segredo! Eis aí o termo-chave do dente do siso. Já citei um caso clínico no capítulo 2, mas há variações na vibração do termo. Assim, a existência de uma raiz única nos dentes do siso, embora haja 3 no dente de cima e duas no de baixo nos ensina ainda muitas coisas. Um 8 mono-radiculado parece um instrumento bem conhecido dos jardineiros – a pazinha. É um instrumento que serve para cavar e colocar sementes na terra. Em termos relacionais, significa que a genealogia disponibiliza ao paciente com este tipo de dente do siso uma ferramenta notável para cavar os segredos. Aqui o dicionário etimológico nos leva ao incrível! A palavra *segredo* vem da raiz *krei* que significa *fazer triagem*; em latim *cribrum*, tela e em grego *krinein*, separar, escolher, decidir e avaliar! Se duvidássemos de um elo entre o dente 8 e o 3, desta vez até a etimologia o prova! E não é tudo. Recorde o dr. Orsatelli: ele fez um trabalho sobre os pares dentários que transmitem informações um ao outro. Ele explicou os pares entre o dente fonte (o que tem o problema) e o dente alvo (o que exprime a dor). E evidenciou um laço muito forte entre o 8 de baixo e o incisivo central de cima. Devido a estes e a outros indícios, os problemas gravados nos dentes do siso podem causar sequelas nos incisivos de cima.

Carregar um segredo é um grande obstáculo à espontaneidade. Um segredo obriga o cérebro a controlar tudo que sai da pessoa. Cada palavra, expressão e frase terá que passar pela triagem, pela tela da vigilância para a pessoa não se trair. Mas aqui a palavra *taicção* é mais corretamente substituída por *não se revelar*! Não revelar nada. A vida, que só pede para se expressar através de nós, sofre com tal controle. O melhor a fazer quando se carrega um segredo lá no fundo é abrir bem a boca e revelar este segredo em altas vozes. Como um dos maiores riscos para a biologia é o abandono, isto é, o risco de morte, é evidente que este risco é vivido inconscientemente em relação ao grupo familiar. A família pela qual a pessoa se autoassassina para preservar um segredo pode ser a família de onde saímos ou aquela que criamos. O segredo mortal é sempre gravado na infância. Talvez nossa existência reavive o sofrimento com outros

acontecimentos, mas a origem está sempre longe. Basta que uma criança veja alguma coisa que acredite ser a única a ter visto ou que imagine ser um segredo que deve ser guardado – a partir daquele momento o controlador é ativado. Depois disto o segredo fica difícil de sair, se não for por anúncio público. Portanto, se alguém o avisa que vai lhe contar um segredo, avise-o que se fizer isso, o mundo inteiro saberá do fato!

*“Deixai vir a mim os pequeninos”* não tem nada a ver com a idade e sim com as virtudes da criança. Entre outras, são: espontaneidade, inocência, pureza ... Os acontecimentos vividos como origem dos segredos vão contra nossa criança interior. As experiências de vida que trazem sofrimento serão sucessivos véus colocados entre o EU e o núcleo do ser. (...)

*“O ser humano oscila continuamente entre a alegria e a dor. O desejo é a lembrança dos prazeres e das alegrias; o medo é a lembrança das dores. A lembrança dos prazeres e das penas fica como um reflexo no ser humano, e este reflexo toma a forma do EU. Ele usa o corpo e a mente para seus objetivos, que são sempre a busca do prazer ou a fuga da dor. O EU, este reflexo, busca um apoio, que é o corpo físico e que se torna seu ponto de referência. É uma criatura criada pela sociedade e pela hereditariedade que só existe pela lembrança e só age por reflexos – na maioria das vezes, condicionados.”* (J.M. Riviere)

Eis uma magnífica introdução à decodificação biológica, à noção de projesentido e ao próprio sentido desta ferramenta terapêutica. Riviere escreve: “a Luz Pura não é responsável pelas possíveis deformações do espelho que a reflete.” Todo o trabalho de decodificação dentária é voltar ao lugar de reflexão da luz, lá onde encontramos o símbolo do espelho, nos primeiros molares definitivos, nos dentes número 6, para estar o mais perto possível da Luz Pura.

O trabalho também é ousar estabelecer contato com as imperfeições, todas humanas, que nos impedem de estar em harmonia com o melhor de nós mesmos. Reencontrar em nós as lembranças das dores e dos prazeres, para possibilitar o contato com a visão maior e mais nobre do que somos. Se nossos reflexos são condicionados pela necessidade biológica de sobrevivência, pela busca incessante de prazeres ou pela fuga da dor, é então um caminho para sair deste círculo infernal: a vida incondicional, atributo da vida do Ser.

O incondicional se opõe, por definição, ao condicional da vida. O dente do siso inferior oferece uma informação inesperada sobre a noção de condicional de vida. Ele tem uma raiz mesial (situada à frente) que forma um gancho voltado para a

raiz distal (situada atrás) retilínea. O condicional de vida é um dado programador gravado nos 18 meses antes do nascimento do indivíduo e que garante o “direito de viver” em uma ou mais condições. Se no decurso da existência da pessoa um acontecimento gerar um sentimento violento ligado ao programa, a biologia reagirá, se movimentando numa solução de sobrevivência adaptada à situação que conhecemos sob o nome de AIDS. Aqui não entraremos em detalhes, pois isto é assunto para a decodificação biológica, mas saibam que o organismo reage diante de uma parte vista como “não sua”. É incrível verificar que o dente que codifica para a existência de um não seu seja o mesmo dente que abre as portas para o reencontro de Si! (...)

Muitos perguntarão o que acontece com as pessoas de quem extraímos os dentes do siso sob qualquer pretexto. Minha primeira observação tem a ver com a alegada capacidade dos dentes do siso de provocar o deslocamento de 7 dentes situados à sua frente. Bem, há dentes que se deslocam e se acavalam sem nenhum dente do siso presente in boca, nem no osso do maxilar. (...)

Na faculdade aprendemos que a dinâmica espontânea dos dentes é deslizar para diante quando surge um vazio. Esta predisposição natural causa muitos problemas, pois o deslizamento não é em nada real. Mesmo assim, dava margem a uma grande inércia quando um ou outro dente era extraído. Mais que um movimento de deslizar, trata-se de um movimento de afundar, que se traduz por um ou mais dentes que se deitam, causando a diminuição da altura vertical de oclusão e a repercussão sobre o eixo vertebral. (...) É comum sacrificar os primeiros molares em mau estado sob o pretexto da chegada dos dentes do siso, tendo como princípio que os molares 7 e 8 deslizarão para fechar o vazio ocasionado – e não é o que ocorre. **(é bem o meu caso)**

Se por um lado vemos a considerável força extra-oral a ser aplicada para recuar os dentes na boca das crianças, temos o direito de perguntar como um dente sozinho consegue deslocar sete! Se um incisivo se movimentar fora do alinhamento, estragará o equilíbrio da arcada toda. Havendo ou não um dente do siso em fase de erupção, a falta de obstáculo causará o movimento dos outros dentes. Com uma condição mecânica: que a oclusão não seja travada, para permitir o deslocamento dos dentes. Em resumo: há tantos parâmetros mecânicos necessários para o deslocamento dos dentes, que está na hora de parar de sacrificar os dentes do siso com a desculpa da normalidade. No contexto atual, nosso único poder individual está em não deixar que os medos administrem nossa vida e em recuperar o poder de decisão. (...)

Retomemos por um instante a pista da honestidade (autenticidade), palavra relacionada à dinâmica dos dentes do siso. A palavra vem de “honra”, que significa digno de consideração. A consideração é o alimento transmitido pelo olhar, normalmente os olhos do pai: é colocar o olhar atento sobre algo ou alguém. O sofrimento da falta de consideração se expressará em cáries oclusais no 46, primeiro molar inferior direito. “Cárie oclusal” significa “cárie sobre o dente” na face em relação com os dentes antagonistas. O primeiro molar inferior e para dois terços em relação com o primeiro molar superior e por um terço com o segundo pré-molar superior. Neste caso, o 46 está em oclusão com o 16 e o 15. (...)

Aqui trata-se de saber se o pai nutre o filho. O dente 46 está no quadrante da vida profissional e social. Assim, aprendemos que este dente pode sofrer com a falta de consideração por nossa situação no cenário profissional, de nosso pai em relação a nós, mas também de nós em relação a nós mesmos. Em outras palavras, a honra pode sofrer vergonha. Já vimos, no nível dos laços genealógicos, que em primeiro lugar deve-se procurar o filho da vergonha, que nos atrapalha e que devemos eliminar. Mas dentro da dinâmica de trabalho em si, não se pode cortar caminho na busca dos próprios momentos de vergonha vividos. O sofrimento da vergonha se cristaliza no dente 48, o dente do siso e a consideração está no dente 46, como já indiquei.

*Caso: masculino, idade: uns quarenta anos; sinal particular: forte atração pelo deserto e perigo de vida recorrente por ficar inconsciente. No caso, é a expressão evidente do impulso programado para eliminar a vergonha. Consequências biológicas: patologia do 48 e cáries no 46. Eu peço para pesquisar a vergonha memorizada em sua existência, mas ele não encontra nada. Depois, como a biologia nunca mente, eu insisto e apresento alguns exemplos. É então que... ele recorda.*

*Ele tem 14 anos... está com o irmão numa loja e rouba linhas de pesca e chumbos... evidentemente, são apanhados pela segurança da loja e levados à delegacia, onde são interrogados individualmente, como malfeitores da pior espécie. Depois são levados para casa no camburão e o bairro inteiro os vê passar. Mais tarde vão ao tribunal. O pai precisa estar presente porque eles são menores. Ele lembra que o pai estava de óculos escuros. Nunca mais o assunto foi mencionado, mas aquela foi sua maior vergonha em relação ao pai.*

*Eu lhe peço para encontrar seu pai e conversar. O encontro é excepcional. O pai lembra tudo com a mesma clareza que ele. Mas quando o filho fala da vergonha, o pai dá uma resposta maravilhosa: “eu te perdoei no momento em que me contaram o que você tinha feito... um pai é assim!”*

*A cura desta lembrança literalmente transformou o rosto do paciente.*

Temos consciência da importância dos sofrimentos relacionais com nossos pais quando ouvimos este tipo de experiência, mesmo que sejam histórias alheias. Nós todos temos lembranças dolorosas com mais ou menos peso, mesmo hoje, sobre nosso comportamento. Podemos ter mais ou menos consciência disso. Mas o que muitas vezes nos falta é a consciência deste peso em nossa vida, do que significa para o coração. Um momento crucial da decodificação dentária é desfazer os nós emocionais para chegar a uma gestão independente de todas as lembranças. O exemplo mais óbvio é um dente do siso superior com uma só raiz, em vez das três normalmente presentes.

*Caso: feminino ou masculino, idade: mais de 24 anos; sinal particular: dente número 18 monoradiculado (dente do siso superior direito com uma raiz, em vez de três). Um dos níveis de leitura desta informação, além da noção de segredo, se sobrepõe à noção de trindade induzida pelas 3 raízes. No eixo espiritual elas representam as 3 religiões pilares da humanidade na metade ocidental do globo. A união das 3 raízes indica que o laço espiritual é programado para não ser feito por intermédio de uma religião. Parece que os indivíduos correspondem exatamente à consciência atual da humanidade: acessar o divino em si, fora dos intermediários externos. O nó clássico que encontramos nos dentes com esta configuração radicular é o que traz um sofrimento relacional entre religião e religiosidade de alguém na árvore. Isto é: uma experiência desastrosa, com um membro do clero ou com a igreja em geral, causam a rejeição da religião e do objeto da religião: Deus. Muitos confundem Deus com Igreja católica, citando apenas a mais incriminada dentre as lembranças conflituais da árvore. Inúmeros são os que, quando perguntados se acreditam em Deus, respondem: “Ah, mas sabe, a Igreja...” Aqui há um nó que é importante desfazer. Podemos ir além da igreja exterior, mas temos que cuidar de nosso eixo espiritual. Faz parte da dinâmica viva; tem que ser curado, como os outros...*

A crença vem do intelecto. A fé é a virtude do coração. Crer em Deus não é em si um indicador suficiente. Nós todos temos uma crença, na qual se baseia a direção de nossa existência. (...)

O exemplo clássico que dou nos seminários é o da energia veiculada nos caninos sob a égide dos 2M e 1 D. Se na formatação de meu presente foi insinuado um limite chamado Moral, Mérito e Desprezo, que acontece 1 segundo depois que eu me conformo com esta crença?

Toda situação de stress não consciente ou não gerada de maneira humana com o coração obriga o inconsciente a consultar seus próprios dados para escapar do risco de morrer (risco maior para a biologia, devo repetir?).

Para o ser humano membro de uma família, seja a família verdadeira ou a substituta, o sofrimento recorrente é o do abandono. Esta palavra sintetiza perfeitamente os conflitos de território, de alimentação e de procriação que transitam em nosso nível animal. Estamos no esquema comportamental do animal humano. Se não posso sentir que tenho uma família através do amor ou dos instantes de felicidade, vou procurar a certeza de pertencer a algo através do sofrimento. Quanto mais eu obedeço, mesmo que seja ao absurdo e ao inepto, mais satisfaço a necessidade de pertencer a um grupo. É através da repetição de penas e sofrimentos que inconscientemente me são transmitidas que eu me convenço de pertencer aos *meus!* Na dimensão humana, nossa biologia precisa deste conforto e desta certeza. A certeza vem ajudar a fraqueza de nossas crenças. Pouco importam os meios, quando o fim se justifica... O trabalho interior é conhecer estes níveis e modos de sobrevivência para entrar de coração aberto no campo de experimentação da Vida.

## SEGUNDA PARTE

### \*\*\*\*\*CAPÍTULO 5

*“Quem conhece seu masculino, preservando seu feminino, é a ravina do mundo. Sendo a ravina do mundo, a Vida eterna não o abandona e ele se passa a ser como uma criança.”* Tao Te Ching XXVIII.

Em termos de dinâmicas vivas, o masculino e o feminino estão associados na boca aos incisivos inferiores. A ravina está sob a superfície da Terra, mais próxima do centro e também é o lugar por onde escoa a água, a energia vital. É bem natural

encontrar neste trecho do Tao os dentes do maxilar inferior, dos incisivos aos molares. O elemento *água* está ligado ao primeiro molar, segundo a correspondência com os chakras. O fato de estarmos na presença de quatro dentes é para ser relacionado aos diferentes corpos energéticos que compõem a entidade “ser humano”. No tocante às correspondências com a boca, há o corpo físico, o corpo etérico, o corpo astral e o corpo mental. Quatro níveis, quatro quadrantes e portanto quatro dentes. O elemento *terra* está ligado ao segundo molar. A Terra e a Água nos dentes abrem a possibilidade de decifrar esta citação do Tao investigando nossa natureza humana.

Uma das leituras possíveis, que escolhemos sempre de acordo com as necessidades do paciente, é considerar os dentes de cima como portadores do que seus pais lhe transmitiram, seja do jeito que for. Os dentes de baixo representam a criança que ele foi naquela família. Em bio-psico-genealogia, apresentamos este conjunto com o nome de tríade familiar. Ao identificar o lugar dos atores na tríade, é possível determinar um conjunto de patologias em potencial, ou mais exatamente de algo que se tornará patológico devido às programações inconscientes da biologia. Há um livro de Gérard Athias sobre o assunto: *Racines familiales de la “mal à dit”, la suite...*, éd. Pictorus 2001. Como meu propósito não é correlacionar tríades e posições dentárias, embora isto seja possível, não direi mais nada aqui.

Em oposição, as más posições dentárias e as singularidades anatômicas e oclusais permitem que entremos no passado familiar e nas implicações comportamentais induzidas na criança. Para reencontrar nosso masculino e feminino, convém abordar conscientemente os papéis que nos foram exigidos. Por exemplo: antes de acessar o meu modo de ser pai, é importante tocar nos sofrimentos gravados em meu próprio relacionamento com meu pai. Da mesma forma, alcançar o masculino interior só pode ser feito depois de inspecionar o inconsciente familiar. Por exemplo: podemos encontrar em certos formatos de raízes nos segundos molares inferiores o sinal de que é perigoso ser homem (ou mulher) em termos de sobrevivência. É um sinal enviado pela genealogia; é conveniente pesquisar o que motivou o surgimento disto na codificação biológica. No caso do “perigo de morte por ser mulher”, primeiro buscamos as mulheres da árvore que morreram dando a luz, perigo que não é vivido pelo homem. Depois buscamos lembranças de estupro, uma lembrança mais das mulheres. Para o “perigo de morte por ser um homem”, procuramos os soldados mortos em combate.



Identificar esses formatos de raiz permite desbloquear o acesso à energia masculina ou feminina, pois em caso de grande stress a biologia dispõe do arsenal químico para cortar o acesso. Portanto, é inútil querer empurrar um indivíduo para seu masculino ou feminino se esta informação genealógica não for exposta. É incrível constatar que o simples fato de falar destas informações permite retirar uma barragem até então sentida como intransponível. É verdade que não se trata exatamente de uma cura; é mais uma libertação. A parte do trabalho do paciente é continuar atento para que seu inconsciente biológico reative o sistema. Estar atento não significa controlar o sistema vivo, e sim prestar atenção no que ele sente do modo mais profundo possível e ousar deixar viver suas emoções. Quanto mais o indivíduo está “ausente” do corpo, mais ele deixa o corpo administrar o que acontece à sua revelia e segundo as leis da biologia.

Nós sabemos o que significa pensar. Sabemos ainda melhor o que significa “estar absorto em pensamento”. Falo aqui do pensamento imaginativo, que nos leva a mundos irreais, ao mundo da ilusão, o reino de Maya. Por exemplo: se começo a pensar em um prato saboroso, pode acontecer a manifestação biológica que acompanha isto; a saliva. Se de repente meus pensamentos me levam a situações desagradáveis em cenários de sofrimento, minha biologia também seguirá isto. Os pensamentos criam sinais químicos que minha célula biológica recebe, decifra e aos quais reage. Infelizmente, a reação corre o risco de não ter relação nenhuma com a realidade.

O melhor exemplo me foi dado por Michel Charruyer em um seminário, onde ele propôs a decodificação biológica do sistema gastrointestinal. Em resumo: uma paciente tinha passado por vômitos e diarreia porque sua biologia tinha associado um sentimento de refluxo, por causa de uma discussão quando ela ia iniciar uma refeição. A biologia ouviu o sentimento e procurou a causa em seu mundo. A paciente estava prestes a engolir o alimento, que sua biologia conhece bem, e associou o sentimento de “refluxo” ao que era interiorizado. Consequência lógica e salvadora, ainda que inadequada: vômitos e diarreias. É de uma precisão mágica e maravilhosa... mesmo que totalmente fora de propósito! Retomando o contato com o sentimento de “refluxo”, reajustando o laço com a realidade, aceitando a emoção que vai gerar o sentimento em termos do relacional humano, a biologia é “milagrosamente” aliviada – a cura é rápida, pois o cérebro biológico acaba com o que não lhe é mais útil.

Assim funciona nossa biologia ao longo do dia. No exemplo citado os fatos são simples e a correlação fácil. Mas há casos bem menos nítidos. Como exemplo, o caso da mulher que desmaiou duas vezes enquanto amarrava o cadarço dos

sapatos. Buscamos nas associações que o cérebro biológico consegue fazer ao perceber um pedaço de imagem, pois ele funciona por holograma. Havia um estado notório de stress não conscientizado no momento em que a pessoa amarra o cadarço. Imagine alguém que não suporta mais seu trabalho, seu local de trabalho. Embora esteja lá, na verdade adoraria não estar. Amarrando o cadarço, a pessoa já se projeta no instante depois e desenvolve um mal estar por antecipação. O pensamento cria a manifestação química que informa a biologia, como se aquilo já fosse a realidade. A biologia só conhece isso: a realidade! Ela sai em busca da ajuda de seus próprios informantes, os 5 sentidos, que estão na origem deste sentimento. No caso de nossa paciente, o único elemento que ela reconhecia era uma mancha de cor vermelha bem vívida do lado esquerdo. Em sua lembrança, aquilo era sangue. Na realidade era um tapete... “estar distante e ao mesmo tempo presente” tem uma solução biológica; o desmaio. Efetivamente houve um dia onde a paciente presenciou uma quantidade grande de sangue espalhada no chão e a carga emocional daquele instante não foi aliviada. Para o cérebro biológico, era a continuidade do instante, nada mais.

Querendo esconder as emoções nos lugares mais profundos, em vez de enfrentá-las como adultos e recusar os sinais com o pretexto de que nada vai mudar é trancar-se no tipo de reação biológica inadequada, mas apropriada para o mundo celular. O elo entre a carga emocional e a estrutura biológica acontece em muitos níveis. Por exemplo: cada chakra está ligado à nossa estrutura viva pelas glândulas endócrinas. Podemos negar, podemos desconhecer os chakras, podemos nos refugiar atrás de dados culturais, de não pertecer a esta tradição... mas isto jamais impedirá o funcionamento dos chakras. Não é porque a maioria das pessoas seja ignorante que a maioria está certa. Não é porque em determinada época o poder vigente recusou o fato de que a terra é redonda e gira em torno do sol que isto não era verdade. Já disse na minha tese, em 1988: está na hora de reunir os dados das tradições de todos os continentes, do Oriente e Ocidente, para permitir o progresso da consciência da humanidade até o nível onde ela é esperada. (...) Já disse que nossa biologia, nossa célula, cada célula está ligada ao mundo exterior real pelos 5 sentidos. O sistema nervoso central recebe o conjunto de informações e lida com elas à medida que chegam. Nossa biologia é obrigada a se adaptar permanentemente às condições exteriores, seja qual for a temperatura, a pressão atmosférica, a quantidade de oxigênio, etc. Além disso, ela está ligada ao ambiente pelo conjunto de estímulos que recebem os 5 sentidos. No caso de um sentimento forte assimilado a um sofrimento, se não empregamos algum tempo para vivê-lo plenamente, para aceitar a emoção que o acompanha e gerenciar o

todo de modo coerente, permitimos que a biologia associe estímulos e sentidos segundo os dados recebidos. A primeira fonte de dados que a célula avalia é nossa própria memória existencial. Mas quando somos crianças, esta fonte de dados é pobre. A biologia vai então bisbilhotar na memória genealógica, vendo em primeiro lugar o conjunto de dados armazenados nos 18 meses antes do nascimento. (Os 18 meses são o dado ensinado pela bio-psico-genealogia). Parece inacreditável, mas mais inacreditável ainda é ver tudo isso confirmado pela experiência. O próximo registro onde nosso computador central busca informações é a memória relacional de toda a genealogia, com certas regras preferenciais. Por quê? Lembre: ela deve garantir a sobrevivência; por isso vai aplicar o que já funcionou.

Estou falando só dos 5 sentidos conhecidos, pois Lakhovsky evidenciou que um animal tem laços bem diferentes com o mundo real. As células carregadas de magnetita no pombo viajante, por exemplo, permitem que ele se oriente pela relação com o campo magnético da Terra. É uma das razões que justifica um dos níveis de decodificação das sinusites do maxilar em termos de “desorientação”. E aqui faço o elo com os dentes: é ensinado que toda pessoa com primeiros molares superiores desvitalizados apresenta um risco grande de sinusite maxilar crônica. Quando pesquisamos o que faz com que nossa biologia acredite que estamos desorientados, surgem muitos elementos de resposta. Em primeiro lugar, os primeiros molares superiores, o 16 à direita e o 26 à esquerda, nos ligam respectivamente a nossas raízes genealógicas, tanto do lado paterno quanto materno. A desvitalização destes dentes significa que uma cárie tocou o órgão e por isso houve conflito relacional no eixo considerado. Se meu inconsciente é mal informado de que fui cortado de minhas raízes genealógicas, a conclusão inconsciente é que estou só, órfão ou abandonado. Sem orientação, papel que deveria ser desempenhado por um dos pais, estou bem perdido e desorientado. Em segundo lugar, no registro de abandono, muitas palavras surgem para especificar o sentimento. Por exemplo, o 16 carrega a palavra excluído. Se fui excluído de um grupo, estou só e jogado a minha própria sorte. Não é preciso nada mais para iludir a biologia.

O dado será reforçado pela noção de morte. Desvitalizar um dente é matar o nervo! Encontramos aí outro nível de decodificação das sinusites: a noção de mau cheiro. Na cadeira do dentista, não se pode dizer que sentimos calma! Junto com o fato de que uma desvitalização em geral se segue a uma fase dolorosa, ela mesma justificada por uma cárie, compreende-se que a carga emocional seja

considerável. O inconsciente biológico vai então administrar tudo a seu modo e acho que agora você já entende um pouco melhor *como* ele administra...

Os incisivos inferiores são os primeiros dentes a nos ensinar que existimos em termos de masculino e feminino. Mais exatamente, a disposição destes 4 dentes na arcada nos permite vislumbrar a alquimia secreta da dinâmica masculina e feminina que ocorre no indivíduo pela memória da árvore e pelos acontecimentos dos 18 meses antes de seu nascimento.

Não esquecendo que a disposição dentária não é um programa rígido e definitivo. Assim, a partir do momento em que a leitura é feita e que as coisas são exprimidas, o indivíduo não está mais submisso ao automatismo da programação comportamental. Depois da tomada de consciência, mesmo que os dentes continuem na mesma posição, não haverá mais efeito. O conhecimento aconteceu ou não. Mesmo em adultos, testemunhei movimentos dentários simplesmente pela decodificação do conflito que justificava o deslocamento. Se há lugar disponível, mecanicamente, então o órgão dentário retoma seu lugar normal. É um pouco como se a decodificação soltasse um elástico virtual que permite que o dente se repositicione.

Por exemplo: um incisivo central inferior esquerdo posicionado à frente dos outros, código para um comportamento chamado de “meloso” ou ainda “condescendência ultrajante’... Aqui há uma dificuldade ligada à noção de discernimento. Deve-se ligar a informação a um passado condizente e a uma carga emocional. Buscamos então a condição real vivida por um ser humano que o deixa meloso ou condescendente com tudo, e que seja sinônimo de sobrevivência! Quando vemos a decodificação dos dentes seguintes, especialmente do canino inferior esquerdo que está ligado à noção de serviço, portanto em conotação de sofrimento com a escravidão, encontra-se uma mulher, empregada, que precisava salvar seu lugar de qualquer jeito. Era um dos casos em que um emprego ruim era melhor do que nada. É sobrevivência pura. Iguamente no 31 e no 32 (incisivo central inferior esquerdo e incisivo lateral inferior esquerdo) encontramos a programação de Cosette, a pequena Cosette de “Os Miseráveis” aquela que tem que fazer o que mandam, senão morrerá de fome e de frio. Hoje em dia é aquela que põe e tira a mesa, levanta para buscar o sal que ficou na cozinha, vai buscar mais água quando acaba... as Cosettes modernas adoram isso! Ou pelo menos dizem que não se incomodam... e eu sempre respondo: é melhor mesmo, vocês foram programadas para isso!

Uma verdadeira Cosette é aquela ou aquele que não sabe dizer não. É uma pessoa que só vive para servir os demais e sobretudo os seus. A Cosette é uma dinâmica feminina, interior; ela pode muito bem ter encarnado num corpo masculino... Reconhecemos a Cosette pelos dois incisivos inferiores esquerdos que entram em V na direção da língua. Mas reconhecemos a Cosette principalmente pela ausência de tempo consagrada a si mesma, por uma negação de si (e não uma abnegação) destrutiva. Há um grande caminho a percorrer para ir de escrava em stress de morte à percepção de realizar serviço desinteressado, que o Tao chama de não agir. Há um grande caminho a percorrer para destronar nossos padrões, nossos mestres externos, para resgatar o poder e dá-lo a nosso Mestre interno, o único que justifica nosso serviço incondicional. Aqui não se trata de bater a porta na cara dos empregadores, e sim de trabalhar de acordo consigo mesmo. Há uma frase que resume muito bem a situação ideal: “quem ama seu trabalho nunca trabalha”! E quem ama seu trabalho só pode ser aquele que se ama em seu trabalho. É o primeiro aspecto a buscar, antes de exigir isto do outro.

Identificar os recursos vivos do masculino e do feminino é apenas uma etapa no caminho da autenticidade e do ser vivo. Esta etapa permite encontrar os reservatórios de energia vital lá no fundo de nós. Encontrar os reservatórios e não enfeitá-los com uma “bomba de vida” não será um trabalho completo. Nosso sistema biológico tem duas bombas a seu serviço. Infelizmente, nossa estrutura humana as estragou bem depressa. As bombas se chamam “vontade” e “desejo”. Sem vontade e sem desejo a vida logo parece triste e monótona. O bloqueio das duas dinâmicas coloca o indivíduo numa depressão crônica. Elas estão intimamente ligadas à noção de meta e permitem que cada um chegue a um objetivo qualquer, isto é, se unifique ao objeto das vontades ou desejos. Então parece indispensável primeiro acessar mais uma vez a noção de meta, de objetivo. Depois vem o movimento, que só se manifestará com o impulso destas duas energias – a vontade e o desejo. Por trás das 2 palavras se escondem dois diferentes mecanismos sutis.

A energia dos desejos é do tipo masculino, pois desperta em nós o predador. É indiscutível que a tranca, se tivermos uma, foi colocada na infância. O desejo se conhece melhor no contexto de energia sexual e o primeiro contato biológico com esta energia é aos 6 anos, quando passam a funcionar os hormônios sexuais. Seis anos também é a idade da erupção dos primeiros molares definitivos. Portanto, é normal encontrar o desejo associado a este dente, mais exatamente a

suas raízes e numa primeira leitura, no nível do primeiro molar inferior direito, o 46. A partir disto, toda patologia localizada na raiz do 46 permite evidenciar uma problemática com os desejos. Posteriormente, segundo as leis da análise fractal, reencontramos a energia do desejo no nível de certas raízes dos outros dentes de número 6. Então é conveniente ligar os diferentes quadrantes relacionais para identificar o lugar e o modo de perturbação desta dinâmica. Na verdade, os 4 quadrantes da boca são associados a quatro grandes conjuntos relacionais. Há a humanidade, a família na qual sou criança, a família-casal, a que eu crio e a sociedade, mundo profissional e amigos.

Se o desejo nos joga no predador, é uma compreensão biológica saída de nosso nível animal. Em termos humanos, o desejo chama o guerreiro interior. Este, animado por suas virtudes de combate, pode muito bem se comportar como guerreiro de luz e não necessariamente como um selvagem! A palavra *combatente* oculta outro dos obstáculos inconscientemente colocados em nós pela energia vital e é bem mais revelador: a agressividade, que é comumente sinônimo de violência, de agressão. No entanto, corresponde ao nível conflitual de bloqueio. Basta encontrar na boca um incisivo central inferior direito posicionado atrás do alinhamento da arcada e encontrar as raízes do segundo molar inferior direito (em geral duas e bem separadas como as 2 pernas, quando estamos parados), reunidas nos ápices, como se só houvesse uma, para saber que o indivíduo em questão não consegue acessar sua energia masculina. Uma decodificação genealógica envia a informação para garantir sua sobrevivência. Sem energia masculina, não há guerreiro nem meios para alcançar seus desejos, nem combustível para ir de encontro aos objetivos. (...) Aqui não se trata do ato sexual, mas da energia sexual. (...) A nobre missão do ser humano, longe de encarnar uma alma, é espiritualizar um corpo – e isto só pode ser feito dando à energia dos desejos o direito de existir em nossa dinâmica viva de ser. (...) Só a aceitação de nossa consciência humana, a abertura à dimensão do coração e o aumento da consciência do que é a Vida podem abrir o caminho para mudar as relações humanas. (...)

A energia das vontades nos leva ao aspecto feminino. É ilusório ser feminina por ser uma mulher e masculino por ser um homem. Ser mulher ou homem na dimensão sagrada da Vida não é ser um ou outro. É realizar a admirável e sutil alquimia da mistura de nossas duas energias, masculina e feminina, para encarnar o ser humano conforme nos foi proposto. Ouso esperar que você não tenha misturado a amálgama simplista de desejos e masculino, para também não fazer a mistura mais ambígua ainda de vontades e feminino. Desejos e vontades são

apenas dinâmicas da movimentação do que está em nosso âmago. Tudo é uma questão de equilíbrio – isto pode ser conseguido abrindo a dimensão que está no meio de nossa constituição: o coração! (...)

Se considerarmos os incisivos inferiores direitos como portadores da energia do guerreiro - e no sentido mais elevado do guerreiro de luz - é normal buscar nos incisivos inferiores esquerdos a noção de “dama”. O exemplo que adoro usar é o de Lancelot e Guinevére para dar vida ao masculino e feminino virtuosos. É importante entender que o guerreiro não tem que marchar sempre à frente do feminino com a espada desembainhada. O papel do guerreiro talvez seja proteger, mas antes de tudo é dar a energia de estar vivo no mundo. O feminino deve sentir a proteção, mas também a presença. O feminino deve então poder ser tocado pela vida, receber e se relacionar com os outros.

Como fazer com que alguém esteja em seu feminino – e isso se compreende melhor com o exemplo de uma mulher - se o guerreiro protetor está ausente? Muitos elementos e parâmetros - e cada dente nos revela um - podem trazer um indício ou a lembrança de um sofrimento ligado ao feminino ou ao masculino. Pode ser difícil ou complicado acessar as duas energias, tendo consciência do que elas são lá no fundo. Viver o feminino não significa, de modo nenhum, corresponder a uma imagem, e sim deixar que se expresse o que está lá no fundo. Assim compreendemos que a mesma demanda é feita ao feminino do homem. E como permitir que a autenticidade pessoal se expresse, senão com a cooperação do masculino dedicado e eficaz? Se a mulher é o futuro do homem, isto se compreende assim e só assim. É o equilíbrio natural das duas energias interiores que se deve buscar. A união do primeiro par que se deve pesquisar é a união de nosso par interior. O masculino tem uma dinâmica centrífuga, o feminino uma dinâmica centrípeta. A mulher recebe no interior, o homem forma no exterior. É através do par interior que podemos sentir a diferença entre independência e autonomia.

A disposição dos dentes na arcada, tanto dos incisivos quanto dos outros, fornece o reflexo da herança relacional transmitida pela genealogia. Os bloqueios do feminino ou do masculino, as predominâncias ou impossibilidades de um ou de outro, as relações de poder entre os dois, as dependências e as exigências... há tantos modos relacionais, todos motivados pela necessidade de não sofrer mais, que esquecemos o essencial: o SER.

Uma força biológica predominante nos movimenta em esquemas pré-programados em meio a tempestades emocionais insustentáveis e por isso,

depois que a vida apareceu sobre a terra, existe a carência! A carência é um fiel companheiro: o medo de sentir falta. São os motores que privilegiamos em nossa vida. Na realidade biológica, eles são conhecidos com o nome de fome e sede. Desejos e vontades são os motores que a biologia conhece para acessar os remédios das carências. Antes de tudo, essas dinâmicas são exploradas por nosso nível animal e é bem difícil mantê-las vivas nas relações humanas. O desejo nos leva a pegar, e a vontade a receber. Encontramos uma função anatômica-fisiológica dedicada a esta dinâmica: a pro-supinação, movimento do antebraço, manifestação das dinâmicas de dar e receber que são, antes de tudo, pegar e receber....

O movimento de pro-supinação está localizado nas axilas, pedaço do eixo relacional com os outros. Se não permitimos o movimento de pegar e receber para dar e receber, o que pressupõe manter a consciência do stress de carência sob vigilância, será bem difícil ver surgir entre nós e os outros uma relação verdadeiramente humana, isto é, uma relação do coração. Lá está a aposta de nossa boca, pois depois dos incisivos e caninos estão os pré-molares, testemunhos minerais da dimensão interior que é a do coração.

A aposta que os dentes propõem é a de contatar nossas vontades e nossos desejos. Mas para não deixá-los levar o barco da vida, temos que verificar se eles também estão no eixo nobre de nossa Vida. (...) A energia dos desejos e das vontades enche mais nossa biologia com o sentimento de vida do que os objetos para os quais eles nos levam com força. Não há nada mais insaciável do que os desejos e as vontades. A não ser.... a não ser que nossa biologia possa ser cortada dessas dinâmicas. Este aspecto permite analisar bem os ensinamentos que recebemos; teremos a ação sem apego aos frutos da ação (que corresponde a agir no não agir), o desprendimento e outros aspectos que permitem que reorientemos a busca do ser e não do parecer.

Uma terceira dinâmica de vida ocorre numa das raízes dos primeiros molares superiores: a energia das necessidades. Se vontades e desejos podem nos afastar facilmente de nosso caminho de vida, o mesmo não acontece com as necessidades. Mas não se deve confundir as necessidades físicas que não têm muito a ver com o Ser, das necessidades do Ser que sempre tiveram a ver com o corpo físico. (...)

A raiz ligada a esta dinâmica é a raiz palatina. Um molar superior é formado sobre 3 raízes: 2 localizadas no lado da bochecha, chamadas vestibulares e uma no palato, chamada palatina. É justamente esta que faz elo com a energia das necessidades. Também é a raiz que o dentista precisa para reconstruir um molar



superior gravemente prejudicado. É a mais sólida e a maior das três, sobre a qual podemos nos apoiar. E se as necessidades nos protegem no caminho do Ser, é normal encontrar a Fonte desta energia no ....palato!

O estudo dos molares superiores na decodificação dentária permite que o paciente tenha conscientizações importantes. Todas as formas decodificadas nas raízes dos molares inferiores podem se encontrar nas raízes vestibulares dos molares superiores. A partir daí, podemos localizar com precisão a origem da programação genealógica.

Assim, o 16 tem traços dos homens da árvore paterna. O 26 nos leva aos homens do lado materno. O 36 leva às mulheres do lado materno e o 46 às mulheres do lado paterno. Esta mesma disposição permite, em certos casos, saber exatamente onde está um segredo de família se apenas um dente do siso apresenta uma patologia de inclusão, por exemplo.

A linguagem dos dentes é de uma precisão notável. Pude comprovar a ajuda eficaz que a decodificação dentária traz ao trabalho de relação com o Ser Real. O trabalho é mais rápido, mais profundo, mais verdadeiro. A decodificação dentária parece levar em conta os obstáculos na relação do Eu com o Ser. A leitura é rápida, eficaz e os efeitos são incríveis. Hoje podemos mudar a vida dos dentes com algumas palavras.

Outra particularidade dos incisivos inferiores: são dentes onde a cárie dificilmente chega. Eis aí uma particularidade rica em aprendizado. Na verdade, pela codificação podemos considerar que os incisivos inferiores são os dentes ligados ao modo mais vivo de quem eu sou. Já falamos de certos problemas de posicionamento e sempre chegamos a noção de identidade profunda. Um dente cariado significa a alternância de fases de conflito e de solução de conflito, ambas inconscientes. As cáries nos incisivos inferiores, quando acontecem, sempre são no ponto de contato inter-incisivo (entre dois incisivos). Isso revela um conflito profundo de "não sei mais quem sou". É diferente de um 46 desvitalizado que, embora seja o único dos números 6 a ser atingido, revela o filho sacrificado. Este último se sacrifica no que faz, mas não obrigatoriamente no que é. As cáries nos incisivos mostram este tipo de sofrimento: não sei mais quem sou.

Outro sofrimento dramático ligado à noção de "quem sou eu" faz aparecer uma doença periodontal conhecida como PAJ, periodontite aguda juvenil (**esta sigla é em francês, traduzi palavra por palavra. Pesquisei em português, parece só haver periodontite juvenil, seria PJA. Também achei a GUNA gengivite**

**ulcerativa necrosante aguda, pode ser esta?)** . É virulenta, destrói velozmente o osso e só atinge os dentes 6 e os incisivos inferiores. A criança, inconscientemente, manifesta que a solução deste sofrimento seria ser qualquer outra pessoa, e ao mesmo tempo que tudo seria diferente se fosse filha de outra família. Toda patologia óssea, como falaremos no capítulo seguinte, fala de uma morte simbólica, com a noção inerente de morte e renascimento. Uma criança que produz esta periodontite deseja morrer para renascer em outro lugar. Do ponto de vista psico-genealógico, os problemas de identidade estão ligados a um pai ausente. É o pai que transmite a identidade pelo nome da família. É assim que ele transmite seu reconhecimento, antes de poder nutrir o filho com sua consideração, como já falamos. Não é preciso dizer que a alimentação principal de reconhecimento sai da mãe e aqui se fala de reconhecimento do ventre. Um sofrimento ligado a esta palavra traz cáries oclusais no 36. Uma mãe que passa em revista todos os prenomes da família antes de chamar o filho pelo nome provocará uma carga emocional de grande sofrimento. É o nível mais simples do conflito de reconhecimento.

Mas certas cáries nos primeiros molares inferiores estão na face vestibular do dente, na pequena **ranhura/reentrância** no contato com a bochecha. A bochecha está ligada à imagem que dou ao exterior. Se há um conflito de reconhecimento cuja causa de discórdia é a imagem que a criança quer passar de si mesma, o não reconhecimento se exprimirá por este tipo de cárie. Exemplo: recusa em dar ao filho o tipo de roupa que ele gosta de usar porque não combina com a imagem que os pais querem que ele passe ao mundo exterior. É o garoto vitrine da família. Está na idade em que o indivíduo se reconhece em seu reflexo, em sua imagem... Como pais, é difícil fazer a triagem entre nossas idéias quando nos tornamos pais e as necessidades ligadas a evolução de um ser, principalmente quando é nosso filho. Não há regras, assim como não há escola de aprendizado para ser pai ou mãe. Cada ser tem sua própria dinâmica evolutiva. Cada ser dispõe de coisas específicas em função de seu papel no grande teatro da evolução. (...)

Neste estágio é normal encontrar a noção de lenda pessoal, tão maravilhosamente expressada no *Alquimista* de P. Coelho. Nos níveis de decodificação dentária, vamos encontrar a energia da lenda pessoal no 26, primeiro molar superior esquerdo. A noção de lenda pessoal, além de seu aspecto romanceado e aventureiro, é uma etapa importante no reencontro do Ser interior. Ela é apresentada como o momento em que nosso ego é colocado diante da dramática evidência de que ele não tem poder! Só quando ele se ajoelha é que

uma energia de outra ordem pode se abrir no 16 – a da missão espiritual. *É a realização da tarefa que deriva da vocação individual.* Saber colocar a vida a serviço do “quem eu sou” deixa nossa biologia em torvelinho. Contribuir para a construção de uma obra sob a égide de uma *autoridade*, bem mais do que na crença de um poder.

## SEGUNDA PARTE

### \*\*\*\*\*CAPÍTULO 6

*(Este capítulo eu resumi bastante – muitas considerações sobre o propósito da vida, o Amor, Deus, etc – todas pertinentes, mas nada que tu não saibas.)*

(...)

A necessidade de amor é revelada na boca pela estranha singularidade dos molares de leite, chamados cientificamente de molares temporários, que se encontram no lugar dos pré-molares definitivos. Mecanicamente, os molares servem para mastigar, ato que prepara o bolo alimentar para ser digerido. Assim os alimentos serão assimilados e integrados à estrutura viva. Na boca da criança, os molares temporários precedem os futuros pré-molares, dentes que estão ligados ao coração e às emoções. Então a boca infantil ensina que o amor é o primeiro alimento de que uma criança precisa. Mas é muito comum os dentes de leite serem um local de cáries... Isto quer dizer que as crianças não são amadas? Quem ousaria dizer aos pais que seu filho tem cáries porque lhe falta amor?

*Caso: masculino; idade 3 anos; sinal particular, cáries no primeiro molar temporário superior esquerdo e em quase todos os outros molares. Mas é o primeiro molar que motiva a queixa, pois faz 15 dias que o paciente sente dor ali. Explicação: estou em férias no Marrocos e fui convidado para a refeição por uma família de tuaregues, em plena montanha. É claro que como sou dentista, uma das crianças tem problemas com os dentes... É sempre assim... Como se a vida soubesse onde devo ir... Bem, como não tinha instrumentos nem medicamentos comigo, usei outra técnica: a apalpação celular. É uma técnica de cura maravilhosa, prevista inicialmente para liberar a tensão das fâscias, especialmente do pericárdio, ensinada por Montserrat Thomas-Gascon. Coloquei então o dedo neste dente para tentar aliviar a dor, sabendo que isto me levaria a encontrar o sofrimento que havia por trás daquilo.*

O menino era o sexto filho de uma família bem pobre. Em seu dente havia uma certeza: não sobrou amor para mim! Eu disse ao garoto que um prato de tahine se esvazia à medida que o comemos, mas o mesmo não acontece com o amor. Quanto mais damos, mais temos! Cinco minutos depois, ele adormeceu. Uma hora depois, continuava dormindo. Não sei se a dor desapareceu quando acordou, mas saí dali com esta lição: onde quer que esteja, com ou sem conforto, com ou sem abundância material, uma criança só tem uma necessidade: o amor!

Nas palestras, é comum perguntarem: o que o senhor acha do açúcar e das cáries? Respondo: quem não tem entre os conhecidos ou pacientes alguém que não como doces, mas tem muitas cáries e principalmente o contrário – come muitos doces e não tem cáries? Aparentemente esta associação não é uma lei constante. É verdade que o açúcar é um parâmetro, mas *a priori* não é necessário, nem suficiente. Minha mais profunda convicção é que é a intenção consciente que produz cáries através do açúcar dos doces comprados para as crianças...

“Meu filho, faço como me sugeriram, compro o que você gosta, pois não sei como lhe transmitir meu amor ou não tenho tempo para amá-lo... Tenho que trabalhar para comprar tudo que você quer...”

O açúcar é uma doçura. Os braços da mãe são a melhor das doçuras. O açúcar é uma verdadeira bomba de energia depois que entra no ciclo da digestão. No vazio emocional isto preenche tudo. Sim, é um engodo, um doce engodo, como a dor de uma cárie... (...)

Por termos colocado em mãos alheias a responsabilidade de nosso bem estar, esquecemos a fonte mais próxima: nosso coração. A força de uma criança é amar à primeira vista. Sua coragem é amar tudo que encontra. A criança ama tanto os pais que não sabe o que fazer para merecer o amor deles. A criança pensa assim: “se eles não me amam, a culpa é minha.” Depois ela cresce e tudo é feito para que ela esqueça este sofrimento. Nós a jogamos em obrigações, atos e resultados, produção e rendimento. Mas o coração tem esta paixão – ele nunca nos abandona e nunca nos esquece. Nossa dificuldade e também nosso erro é não lembrar isso quando sofremos e assim nossa vida se constrói sobre o sofrimento: porque esquecemos quem realmente somos!

O remédio do flúor, proposto pela química todopoderosa, é proposto aos pais cuidadosos que não querem que os filhos sofram. O flúor substitui no esmalte os íons naturais do cálcio, considerados fracos demais. Um dente fluoretado, é

verdade, resiste melhor aos ataques ácidos. Então se não houver mais dissolução dos cristais, não haverá mais cáries! É um efeito de longa duração? Não, mas se houver pane, não será por causa do tártaro... Se a cárie é uma gestão autônoma de nossa estrutura íntima como ser humano, o cérebro biológico encontrará outras saídas, se for privado desta expressão. (...)

Considerar seu filho como um ser vivo, mais do que como uma planta (“oh, como ele cresceu!”) ou como um animalzinho (“oh, como ele é bem educado!”) é difícil, diante do medo do futuro. Mas é justamente nos pré-molares que está o recurso, o único que pode ajudar a todos: a fé!

A energia da fé é representada pelo par dentário 14-15 (primeiros e segundos pré-molares superiores direitos). O laço entre fé e confiança é inquestionável. A própria noção de promessa, de juramento, nos leva a sofrimentos de traição. Isto vai, na cavidade energética do 14-15, se reportar a lembranças de traição do culto e do clã. O clã nada mais é do que uma nação e aí se pesquisa os períodos de guerra. Quanto ao culto, os casamentos inter-religiosos muitas vezes transmitem a idéia de traição.

Entenda-se bem que se nossa aceitação e entendimento intelectual da existência estão num nível, a herança inconsciente de nossa biologia está em outro nível. (...)

Da falta de confiança nasce uma atitude bem conhecida da mente: a dúvida. Se a dúvida é a doença da fé, a fé, no entanto, é o único remédio. Mas não se pode adquirir fé, ela é um dom de Deus.

(...)

Amor e amar vêm de *afetar*, que de início significa “simular com ostentação”, antes de querer dizer *amar*. Da mesma raiz temos a palavra “ágape” que designava as refeições fraternas entre os primeiros cristãos. No Oriente, Ágape designa o Amor absoluto, o Amor divino. Na boca, o primeiro (afeto) está situado no 44, primeiro pré-molar inferior direito e o segundo no 14, primeiro pré-molar superior direito. O segundo nutrindo o outro ou o contrário... É o menino que passa o tempo com os amigos porque busca compensar o vazio de amor sentido no seio da família. O 14 vibra normalmente com o amor do Pai - e um pai que ama é um Papai. Se esta fonte está vazia, será substituída pelo 44, a amizade. “A verdade que precisa ser provada é apenas uma meia verdade.” O mesmo vale para o amor: se você precisa provar seu amor ou precisa que lhe provem amor, é porque você só tem a palavra e não a vibração. Falta o sentimento... Quem sente amor pode experimentar Amor incondicional. É por isso que o vazio do amor

humano é um obstáculo ao amor divino. No entanto, pelo menos uma vez na vida nós todos experimentamos o amor humano.

*Caso: feminino; idade; 27 anos, sinal particular: 2 magníficos incisivos centrais superiores, ditos dentes de coelho, como dois faróis iluminados na noite da ilusão... e ausência dos primeiros pré-molares superiores por razões ortodônticas. "A admiração pelo pai substitui o amor impossível de papai!" Bloqueada em sua fase edipiana, embora para a menina seja Electra, a mulher adulta terá dificuldade em completar um casal no amor, pois a garotinha interior continua esperando, por isso o sofrimento da falta do papai. Parece simplista, mas você nem imagina como é eficaz em termos de cura...*

*Então, um conselhinho: se você se apaixonar por uma mulher onde se vê primeiro os dois incisivos centrais de cima, cuidado: seu rival se chama sogro! (Evidentemente não será o único rival, mas pelo menos os dentes já avisam...)*

Podemos ressaltar esta atitude inconsciente pelo aspecto dos incisivos laterais. Se eles estão para trás dos centrais, só o pai é quem conta na vida. Não basta trabalhar na relação edipiana – dentro da genealogia, devemos buscar o homem notável da árvore, perante quem todas as mulheres se ajoelham. Derrubar as estátuas de altos dignatários e heróis da nação sempre é o primeiro ato dos povos que se livram do jugo do opressor. O mesmo ocorre individualmente, onde a nação é representada pelo clã. Encontramos na genealogia um ancestral cheio de medalhas, um homem cheio de honras e acima de tudo, uma filha cheia de admiração por este papai, seu herói.

A problemática oculta pela admiração é que ela substitui o amor impossível. Um papai inexistente ou inacessível inconscientemente empurra a filha para se movimentar na admiração. O pai tem a função de professor na futura relação homem-mulher da filha. O homem muito orgulhoso, que se coloca longe do alcance da filha, em geral para se proteger de suas vibrações biológicas, condena a filha a confundir a relação do amor com a da admiração. O homem que vier depois de papai sempre terá que fornecer um motivo de admiração à mulher. Com isso, a futura mulher estará, sem perceber, numa constante demanda de provas de amor, pois o coração não se contenta em admirar; precisa vibrar, palpitar, bater para dar a sensação de vida a seu dono. (...)

Quando fazemos o inventário das programações inconscientes que pesam no futuro da criança em termos de capacidade de ter rendas ou bens materiais, é na raiz dos dentes que encontramos muitas informações. Por exemplo: uma raiz de

canino superior direito com a ponta voltada para o incisivo embora devesse estar voltada para o pré-molar, assinala uma espoliação de herança, frequentemente encontrada nas duas gerações anteriores ao paciente que está consultando. Outro exemplo: segundo molar superior com três raízes que se unem, formando uma só. A árvore não deve produzir nada – nem filhos, nem bens. É uma árvore que morre. Procuramos diferentes dados genealógicos, sendo: quem teve que fugir depressa, deixando tudo para trás? Também é o sinal de que o paciente que apresenta isto não deve esperar nada de sua árvore: nada há previsto para ele. Repito: não são hipóteses de trabalho e sim fatos verificados e corroborados pela experiência.

*Caso: feminino, 48 anos de idade, sinal particular: sedar as dores e tratar os canais do 47 é impossível! (o 47 é o segundo molar inferior direito). O problema é logo visto como relacionado aos frutos do trabalho. O elo com o 15 (segundo pré-molar superior direito) é feito pela própria paciente, devido a dores estranhas que aparecem e desaparecem espontaneamente também neste dente. O problema se revela assim: ela quer ir trabalhar na África, o que significa redução de renda, mas é um chamado interior e por isso ela quer encerrar suas atividades na França, onde tem certo conforto material e pecuniário. O conflito se alterna entre renunciar a este fruto do trabalho ou trair sua voz interior, que para ela é a voz da alma. Realmente, o 15 carrega conflitos de traição.*

Feita a decodificação e verbalizada a realidade da escolha a fazer, o tratamento de canal pôde ser feito sem problemas e as dores desapareceram.

Lembre que no capítulo 2 descrevi o 37 como resultado do que sai do 36, isto é da criança que sai do útero. Colocar uma criança no mundo também requer trabalho. Mas o 37 é o lado feminino e o 47 o lado masculino. É por isso que um homem busca no trabalho o orgulho que a mulher encontra nos filhos! Esta constatação reflete apenas nossa constituição humana... Mas de um modo ou outro, os números 7 de baixo representam os frutos do trabalho.

Continuando com a análise dos laços entre mãe e filho, encontramos no terceiro quadrante, o inferior esquerdo, todos os dados que se relacionam. Dois exemplos:

*Caso: masculino, 20 anos de idade, sinal particular: um segundo pré-molar inferior esquerdo, o 35, em rotação de 180º sobre si mesmo. A face normalmente situada para a bochecha está no lado da língua e vice-versa. O pai queria um filho, mas bebia muito. A mãe fez uma negociação: você não bebe mais e eu te dou um filho. Ele aceitou e a mulher engravidou. Mas um pouco antes do parto a mulher percebeu que o marido tinha continuado a beber. Inconscientemente, o filho perdeu a importância para ela. O 35 em rotação traz o sofrimento da mãe que, quando o filho lhe é mostrado no momento em que vem ao mundo, vê nele um engano, um engodo, a traição de uma promessa. Sempre inconscientemente, uma dinâmica de rejeição se instala entre a mãe e o filho.*

*Caso: feminino, na casa dos 30 anos, sinal particular: agênese do 34 (ausência total do primeiro pré-molar inferior direito). A mãe, durante a gravidez, teve sangramentos no quarto mês, com grande risco de perder o bebê. Reação imediata e normal: para não sofrer caso eu o perca, vou amá-lo menos. É esta ruptura de amor que a biologia grava e o sofrimento é memorizado pela agênese. Problema no futuro: como este dente também é código para o amor no casal, esta mulher não sente amor em seu casal. É então obrigada a se alimentar de seu lado direito no trabalho. Enquanto trabalhar com o marido, tudo bem, isto é, ela só viverá o amor no trabalho ou na amizade.*

Nada melhor para o órgão dentário - o 35 não fez meia volta sozinho e o 34 não apareceu de repente. Mas a verbalização dos sofrimentos permitiu mudar o futuro relacional dos dois. Para o primeiro, surgiu uma nova compreensão entre ele e a mãe, na sensação permanente de rejeição. Do contrário, ele ficaria bloqueado no sofrimento sentido – o de ter decepcionado a mãe. Outros têm o sentimento durável de sempre fazer a mãe sofrer. São os bebês grandes que tiveram dificuldade para nascer, cuja mãe sofreu muito no parto. Deve-se explicar a eles que não são eles que fizeram a mãe sofrer e que de qualquer maneira não fazem mais isso. “Se a mamãe tivesse comido menos, você não teria ficado tão gordinho!” é um modo engraçado de desprogramar este sentimento.

No segundo caso é a relação de casal que veio à tona na revelação. Não se sentir amada ou amado no casal nunca é culpa do outro... pode até ser o melhor parceiro ou parceira, mas o primeiro casal vivido gravou este modo relacional. “Não ame, assim você sofrerá menos quando o (a) perder.” O primeiro casal,



mãe/feto, carrega grande parte do futuro relacional a dois, independentemente da dinâmica incestuosa, seja homossexual ou não. (...)

Os modelos de amor são inúmeros e são inúmeras as feridas abertas, mesmo que esquecidas, que tentamos anestésias na experiência do amor a dois. Se o primeiro pré-molar permite captar os problemas dos laços de amor entre nós e os outros, ainda assim não é ele o administrador. Nenhum tratamento dentário pode substituir uma consciência interiorizada. Nenhum remédio pode oferecer um atalho para a viagem ao centro de Mim, onde os primeiros encontros são dolorosos. A consciência é rápida como o projetor que ilumina as zonas escuras de nossa existência, mas também as de nossa família e depois da humanidade. A viagem mais maravilhosa é a viagem no mundo interior. Não há veículo mais maravilhoso que nossos dentes, por mais que o coração segure a barra. Como reagir à tendência bem intencionada que sacrifica os pré-molares com a desculpa da estética e da mecânica mandibular? Nenhuma ferramenta externa pode substituir a consciência e nenhum remédio é mais eficaz do que o coração. Se mudarmos nossa visão da Vida, se aceitarmos substituir as exigências humanas pela Palavra Interior, cada instante vivido nesta evidência trará um futuro correspondente. (...)

*Caso: masculino, na casa dos 30 anos, sinal particular: ausência de contatos entre os primeiros pré-molares de cima e de baixo. Este tipo de situação também pode advir de extrações por razões ortodônticas, mas as consequências são as mesmas. Para viver o Amor, este indivíduo tem uma alternativa: ou ele o vive inesperadamente, como um raio, ou por paixão. Este "raio" é a energia gigantesca que sai do céu e atinge a terra. A paixão é o fogo que evapora a água e que permite ao estado gasoso atingir o céu.*

*O maxilar inferior carrega a energia Terra e o maxilar superior a energia Céu. As trocas entre os dois, pela ausência de contato no nível do coração (quero dizer no nível dos dentes do coração) mantêm apenas estes dois cenários como possibilidade de troca... Há necessidade destes meios extremos para que a sensação de amar ou de ser amado possa ser sentida. O Amor que engrandece, como uma flor, só será acessível depois de um longo trabalho em si mesmo e nas causas genealógicas desta particularidade herdada. (...)*

Então, se o amor não termina nunca, só mudam as condições exteriores ao vivido. Se eu não me aproprio do amor como sentimento e entrego ao outro a

responsabilidade de me fazer sentir o amor com sua presença, estarei sujeito às leis do apego. E é o sofrimento do apego que gera a solução da indiferença. No nível dos dentes, a expressão será assim:

*Caso; feminino, raramente masculino, 35 a 40 anos de idade, sinal particular: ataques no colo dos dentes, conhecido como desgaste. O colo do dente é a zona de junção entre a coroa e a raiz, zona normalmente recoberta e protegida pela gengiva. Em certos casos, a gengiva se retrai e deixa esta zona aparente, chegando mesmo a descobrir o início da raiz. Esta superfície radicular muito macia será então desgastada. O resultado é uma grande sensibilidade ao frio e ao contato. Mas há casos em que o paciente não sente nada. É conveniente, diante das duas possibilidades clínicas, diferenciar um estado de conflito ativo (insensível) do momento em que uma solução inconsciente foi iniciada (fase sensível). O ataque físico do desgaste revela a ação da indiferença como remédio do sofrimento. Cada fase sensível nos mostra os momentos de reabertura da sensibilidade interior. É suficiente utilizar o quadrante portador do ataque ou o grupo dentário para chegar à precisão da decodificação circunstancial. Nos dados transmitidos pela faculdade, um estudo estatístico revelou que entre os que apresentam esta patologia frequentemente há sinais que levam à espasmofilia e a episódios dolorosos da erupção dos dentes do siso. Foi mostrado que este tipo de patologia é mais comum no sexo feminino. O dado “dores na fase eruptiva dos dentes do siso” mostra o sofrimento vivido por ligação com mentiras e enganações. O eixo associado a estas duas palavras, como estamos falando de dentes, é o eixo relacional do Eu para o Mim e no caso dos dentes do siso, no nível espiritual. Então é uma noção de autenticidade na qual, como você já entendeu, as emoções são a principal porta de acesso.*

(...) Será que preciso repetir que o coração é revelado por todas as tradições como o único caminho da dimensão humana, a única via de acesso a nossa verdadeira natureza, a nossa essência divina. O inimigo a vencer está em nós e não é hostil a nossa existência – mas é todo poderoso sobre nosso destino enquanto não lhe oferecemos a luz de nosso coração. A todo momento temos exemplos maravilhosos que tentam nos recordar da força do coração na vida do corpo.

*Caso: feminino, 12 anos de idade, sinal particular: cisto com inclusões minerais sob o ápice do 34 (primeiro pré-molar inferior esquerdo). É a história de uma*

*menina que um dia se levanta e vai tomar o café da manhã. Sua mamãe, como sempre, preparou tudo para ela. Mamãe dá um beijinho na filha e sai para andar de bicicleta, como todas as manhãs.... Mas desta vez ela não volta: morre num acidente! Seis meses depois, descobre-se o cisto e o cirurgião dentista resolve operar. Do bolsão cístico, são retirados quatorze elementos: quatorze dentes em miniatura!*

*O 34 é o dente que mais tem a ver com o amor da mamãe, quando se tem 12 anos. Só mais tarde é que será associado ao amor do casal. A menina, que tem um irmãozinho, incorpora instantaneamente a dimensão de mãe para substituir a que partiu... E me dizem que efetivamente a menina se comporta de modo totalmente diferente na presença ou ausência do irmão. Os dentes nos levam à alma; por imagem, pode-se dizer que a menina incorporou em si a “alma de mamãe” de sua mãe.*

(...) Enquanto permitirmos que encarnação rime com separação, não conseguiremos conceber que está em NÓS a centelha divina. Mas se não consertarmos os conflitos biológicos da separação, não poderemos consertar o sofrimento que nos traz a mesma palavra.

*“É do bem que há em vós que posso falar, e não do mal. Pois o que é o mal, senão o bem torturado por sua própria fome e sua própria sede?” Gibran Khalil Gibran*

## SEGUNDA PARTE

### \*\*\*\*\*CAPÍTULO 7

Para estabelecer firmemente a terapia pela bio-psico-genealogia, decodificação biológica ou decodificação dentária, seria bom ou pelo menos necessário ter acesso a noções genealógicas. A história familiar é um elemento chave neste tipo de terapia, pois permite descobrir as raízes das flores que denominamos enfermidades. Muitas vezes me perguntam o que fazer quando é impossível acessar histórico familiar. No que diz respeito à decodificação dentária, como temos a ajuda do posicionamento dos dentes e das formas radiculares, é possível ter algumas certezas. Como a decodificação dentária nasceu da observação e da experiência, nenhum dos dados que transmito é teórico ou hipotético. De qualquer modo não é o conhecimento, isto é, conhecer os elementos, que vale com agente terapêutico e ainda menos como energia de cura. A verdadeira conscientização é feita sobre os laços tecidos pelo inconsciente entre os acontecimentos familiares e as reações biológicas ou relacionais. Por isso agora falo de “fio de Ariadne, tecido do mundo visível ao invisível” (que é o inconsciente).

O aspecto mais notável da decodificação dentária é sua noção de universalidade. Na França, na Bélgica, na Espanha ou em Cuba, as informações que os dentes transmitem e revelam são da natureza humana e não nacional ou racial. É só no momento em que tentamos determinar o teatro existencial em que o programa foi iniciado que se faz necessária uma referência aos valores do povo considerado, seja em termos de tradições ou cultura. Mas na ocorrência das patologias relacionais no seio da estrutura viva do ser humano, as palavras são iguais e também as doenças. A entidade que denomino ser relacional é universal.

No entanto, surgiram algumas especificidades ao longo da experiência. A mais notável tem a ver com os programas ligados a conflitos temporais. Por ex: os povos que tiveram seu desenvolvimento e sua reputação, isto é seu veículo de poder ligado às atividades marítimas; que receberam a denominação de povos marítimos, gravam as marés como referencial de tempo. O elemento ligado ao tempo aqui é de origem feminina.

Nos países latinos, o tempo foi dado pelo sol. O sol foi simbolicamente memorizado no inconsciente como um elemento que representa o pai, e o

elemento marinho representa a mãe. É bom saber a diferença quando tratamos dores da ATM, pois a noção de oralidade ligada ao tempo será invertida aqui.

*“Nas línguas latinas, apenas um termo é utilizado para falar do tempo meteorológico e do tempo cronometrado. É originário de tempus que originalmente designava a tempestade.” (...)*

Outra especificidade cultural talvez se encontre expressada por nossos dentes quando surge a cúspide ou tubérculo de Carabelli na face palatina dos primeiros molares superiores. Os primeiros molares de baixo têm 5 cúspides e os superiores, 4. O maxilar inferior é portador da energia da terra, portanto feminina e o maxilar superior é associado à energia do céu, portanto masculino. O surgimento do tubérculo de Carabelli dá aos molares de cima, simbolicamente, o mesmo valor que têm os de baixo (coloca o feminino no lugar do masculino), revelando assim que a genealogia foi do tipo matriarcal. São as mulheres que administraram a árvore. No paciente que apresenta esta singularidade anatômica, mesmo que ele não saiba de onde vem, é evidente que a origem do matriarcado é latina, com forte probabilidade de ser italiana. Eis um índice que pode ajudar a orientar a busca....

O aspecto das origens ou da “terra natal”, é fundamental na abordagem e compreensão das patologias do maxilar, patologias ósseas, dentro da denominação de periodontopatia. Na faculdade um de meus professores disse uma frase que nunca esqueci: “quem não quer, não tem uma periodontite”. Subentende-se a necessidade de parâmetros do tipo epidemiológico para determinar um “terreno” propício ao aparecimento desta doença. A noção de terreno hoje é compreendida pela faculdade como “traçadores genéticos”. A escola dos homeopatas se interessa por dados da constituição, onde é encontrado o fermento de uma patologia em potencial. A decodificação dentária pesquisa dados genealógicos e dados existenciais do indivíduo em termos de conflitos relacionais, para trazer à luz o fato de que a doença óssea desenvolvida é aplicada pelo sistema biológico em total conexão com a noção de sobrevivência. Depois é esclarecida a correlação quanto às consequências implícitas na relação com o Ser. Seja qual for a doença, ela deve ser compreendida na linguagem animal. Assim, se for permitido que este nível constitucional administre sozinho as coisas sentidas, é certo que a primeira falha esteja na relação do Eu com o Ser. Em termos humanos, o termo falha será substituído por sofrimento...

O estudo da entidade relacional que o ser humano representa permitiu apresentar cinco eixos, ao longo dos quais o ato relacional ganha vida e se exprime. A presença dos dentes no eixo relacional é explicada no capítulo 3. Cada eixo relacional se compõe de vários níveis dinâmicos ligados às articulações anatômicas. Assim, há 3 níveis constantes: uma extremidade de contato, um nível de troca e um nível de integração. No eixo de relação com os outros, por exemplo, temos respectivamente a mão, o cotovelo e as costas. No eixo espiritual, dentro da mesma ordem, temos os dentes (extremidade de contato), o ligamento alvéolo-dentário (nível de trocas) e o da ATM, a articulação temporo-mandibular (nível de integração).

O dente é a extremidade de contato que permite a nutrição interior. É claro que no plano puramente biológico o ato de se nutrir está associado à alimentação. Por isso a decodificação básica das patologias dentárias, como Hammer a expõe, se expressa sob a problemática “de segurar o pedaço”. Estamos aqui no nível físico, material desta parte da biologia. Ao abordar o nível intelectual, percebemos que a nutrição é a palavra, pois é através dela que muitos intercâmbios são feitos neste nível. E quem fala de trocas fala de ligamento alvéolo-dentário. O ligamento é um elemento anatômico capaz de provocar deslocamentos ósseos, princípio utilizado pela ortodontia. É porque o osso se destrói de um lado e se reconstrói de outro que os dentes podem “se mover”. A decodificação biológica então atribui a causa das perdas ósseas à desvalorização da palavra. Na verdade, em períodos de conflito o osso (de origem mesodérmica) terá atividade osteolítica, isto é, o osso se **(dobra, se aprofunda, se reabsorve, se esvazia, fica oco)** na fase em que o indivíduo está em conflito relacional. Além disso, toda patologia de perda óssea, de descalcificação, está ligada a uma grande desvalorização.

Portanto, com os dentes busco entrar em contato com o exterior seguindo os dois primeiros modos exprimidos acima e aceito uma troca. A troca, além do fato de dar (sem perder) o que tenho em mim (no caso, a palavra), também é premissa para uma modificação de estruturas, muitas vezes. Nós todos construímos nossa individualidade intelectual e emocional em cima do que chamamos de certezas. As trocas muitas vezes definem conflitos porque as famosas certezas, falsamente portadoras das bases do “quem sou eu”, são postas em perigo pelo que me propõe o outro ou o exterior de modo geral. As certezas, quando parecidas com as bases concretas de minha personalidade, têm um equivalente chamado “crenças” no âmbito de meu intelecto. *Crenças* e *certezas* se revelam necessárias para manter o equilíbrio da entidade condensada no fenômeno “quem sou eu”. A noção de propriedade, que a biologia integra sob a égide de território, é a base de

toda reação belicosa. Quando me sinto agredido ou em perigo, quero impor minhas crenças ao outro e assim estender meu território intelectual ao território alheio. Isto provoca o mesmo resultado na minha dinâmica interior: o despertar de meu masculino não virtuoso ou belicoso e dominador. A noção de masculino virtuoso é incerta, pois depende do que cada um “adquire” em termos de bem e mal. Por isso, a única dinâmica de exteriorização que permite que sintamos despertar a força interior será, no momento, a referência do masculino virtuoso, independentemente de qualquer resultado da ação. Acrescentemos que o masculino em sua tonalidade virtuosa ou não virtuosa depende essencialmente da tonalidade do feminino a serviço do qual ele está, pois é no feminino interior que se forma o rumo contido na energia da intenção.

Toda discussão e mesmo toda troca em que o resultado é um sentimento de derrota e de desvalorização pode ser acompanhada de perda óssea. Só com este parâmetro isto não conseguirá provocar a perda generalizada, mas pode gerar perdas ósseas em lugares bem precisos, determinados pelo eixo relacional ligado à troca verbal e pela existência ou ausência de um programa nos 18 meses antes do nascimento do indivíduo observado.

*Caso: feminino ou masculino, entre 30 e 40 anos de idade, sinal particular: inflamação com perda óssea que chamamos bolsa periodontal entre o 26 e o 27 (primeiro e segundo molar superior esquerdo). A lesão revela um conflito expressado pela reunião da família. Pelo quadrante em questão, o superior esquerdo, sabemos que se trata do nível emocional do indivíduo e de sua atividade relacional com a família. Assim, o gatilho é o impulso de reunir a família no Natal, por exemplo. Quando o último convidado confirma, a biologia passa para a solução de conflito fazendo surgir uma dor, no caso a inflamação da gengiva. A perda óssea ocorre durante a fase de stress de “consegurei reunir todos para as comemorações?” É necessário encontrar na genealogia a separação da família que transmite sempre um sofrimento. Pensamos na criança que foi esquecida, mas em termos genéricos, na criança “abandonada” (mesmo se tornando adulta).*

Se quisermos fazer da decodificação biológica uma base terapêutica, precisamos conhecer suas leis – isto se aplica a qualquer terapia. A decodificação biológica não vem contradizer os fatos observados pela medicina clássica. Tive a oportunidade de estudar homeopatia e farmacologia e as acolhi em minha

estrutura sem ter que fazer uma escolha. Posso privilegiar a necessidade do paciente de acordo com minha preferência intelectual. Devemos escolher o instrumento adaptado às necessidades, mais do que a preferência ou o nome. O fato é que temos evidência de que o sofrimento administra nossa existência. E o sofrimento é apenas o inverso do Amor. A Fé é companheira da Dúvida, o Amor do sofrimento e a Sombra da Luz. O perigo sentido num dos quatro níveis da boca – tendo o espiritual sido posto de lado – nos condena a viver apenas dentro do masculino, abandonando o feminino lá no fundo... O feminino, água da vida interior, é a primeira parte que abandonamos, mas é o espaço interior no qual é vital nos abandonarmos. (...)

O Ser Real... é uma fórmula que deixa o inconsciente livre da amálgama e da confusão entre o eu exterior, a casa natal, a terra natal e nossa Terra e nossa Casa interior. É o valor maior, representado pelo osso dos maxilares. A estruturação do existencial é feita pelos dados representados por meu ambiente profissional, onde trabalho e pelo ambiente familiar, onde vivo. São os dois ambientes carregados pelo maxilar inferior, lugares concretos que correspondem efetivamente à energia Terra carregada pela mandíbula e que ocasionam tantos conflitos. Preso ao reflexo exterior de mim mesmo, é através do que realizo que busco um testemunho de meu valor. A criança nutrida com o amargo néctar do “não serve para nada”, ainda que só ocasionalmente, sempre procurará provar o contrário, na tentativa permanente de encontrar a consideração que tanto lhe foi negada.

A evolução normal do indivíduo inclui, espontaneamente, um momento onde há a proposta de substituir o pai biológico por um pai diferente. É normal que o pai seja nosso herói até certa idade - mas depois nos damos conta de que ele não é tão herói assim. Mas sua figura de herói (como um semi deus mitológico que representa aspectos divinos acessíveis aos humanos) nos leva para diante, para o futuro. À nossa revelia, esta dinâmica nos leva a tirar do inconsciente os aspectos que pertencem ao mundo do “melhor de nós mesmos”. O lugar ocupado por nosso pai será, em determinado momento, ocupado por outro que terá o valor de pai substituto. Pode ser um professor, um tutor no aprendizado profissional ou outra coisa, desde que tenha para nós a *vocação* de fazer com que busquemos o melhor de nós mesmos. E depois vem a idade em que, num lugar imaterial em nós, algo surge de acordo com nossa própria apreciação do divino, sem necessidade de nenhuma religião. Assim, todos os sofrimentos gravados no eixo



relacional relacionados ao “pai” e compreendidos através dos substitutos, ocorrem no eixo relacional espiritual. Evidentemente, é inútil de esperar uma solução inconsciente. E também não é maduro esperar um remédio sem saber qual o sofrimento que queremos terminar.

Ao longo da história da humanidade e principalmente no Ocidente, a autoridade tem sido confundida com o poder e o amor foi substituído pelo medo, às vezes chamado de temor, às vezes revelado como terror. O recurso do medo da punição permitiu estabelecer uma hierarquia em que a ordem depende da submissão e da obediência, tendo o conhecimento como arma de dominação e o medo de sofrer como meio de pressão. O conjunto destes dados, muitas vezes encarnados num pai humano, biológico ou não, real ou substituto, se refere aos senhores de antigamente, que tinham liberdade e poder total sobre a vida de seus súditos. Já está mais do que na hora de desfazer todos esses nós, tão explorados e utilizados para fins obscuros. É hora da tomada de consciência – seja qual for a crença de cada um, seja qual for o deus que se esconde no coração de cada um, seja qual for a opinião de cada um e seja qual for o nome que lhe dão - antes de mais nada, Deus é Amor! A noção de preferência é humana, a noção de punição também e humana é nossa noção de poder. Onde há necessidade de temor, se tomamos a decisão de servir a Deus de todo o coração, seja varrendo ruas, engarrafando água ou tratando dos dentes das pessoas? Por que perguntar aos textos religiosos quais são as regras e buscar meios para escapar de nossas fraquezas, quando em nós há uma riqueza inexaurível que se chama Amor? Há muito ódio nos textos religiosos, para que eu acredite que sua origem é 100% divina. (...)

Este pequeno aparte está vinculado ao tratamento dos dentes, que estão no eixo relacional do Ser Real. A perda óssea generalizada dos maxilares demanda noções muito precisas. De início, há um dado genealógico que transmite uma memória conflitual e sua solução, a saber: *um antepassado teve que deixar sua casa natal, sua terra natal, com risco de vida se voltasse*. O risco de vida pode ser real ou sentido assim pela biologia, através de um stress monumental. Seja como for, a partida sempre é ocasionada por uma autoridade ameaçadora. As partidas que se confundem com fugas se encontram ao longo da História recente no mundo ocidental. Há os que tiveram que sair da Argélia em 1962, os que saíram da Espanha nos anos 30 e os italianos que fugiram de Mussolini. Mas também há casos intemporais, como certos italianos que fogem das ameaças de morte da máfia, sem poder retornar...

A conclusão lógica aqui é que se o indivíduo quer retornar, só poderá fazer isso sob a condição de não ser reconhecido. Os dentes representam o laço mais durável de nossa identidade. Muitos cadáveres em avançado estado de decomposição ou mesmo queimados puderam ser reconhecidos e identificados exatamente por causa dos dentes. A impressão dentária é estritamente individual, principalmente ao longo dos tratamentos feitos. Assim, como uma periodontopatia leva à perda dos dentes e à sua substituição por dentes falsos, esta doença corresponde exatamente à necessidade de sobrevivência, mesmo que inconsciente, do indivíduo que traz este tipo de lembrança conflitual. Já vimos a problemática da consideração em conexão com a desvalorização. Em termos de reconhecimento, o laço é com a mãe. Seria limitador pretender a exclusividade da nutrição, pretender que *consideração* = nutrição do pai e que *reconhecimento* = nutrição da mãe. Uma mistura destes elementos é bem possível e também desejável para garantir à criança um equilíbrio mais global. A consideração da mãe emana de seu aspecto masculino e o reconhecimento do pai de seu aspecto feminino, o que permite à criança, inconscientemente, ter como modelo seres humanos individualmente completos e inteiros. Pode-se dizer que a biologia precisa da explicação do modelo básico e o ser humano precisa do modelo “avançado”.

Metaforicamente, um exemplo deste tipo de situação é uma perda de emprego concomitante com um divórcio. Por experiência terapêutica, sabemos que quando o casal tem um problema que leva à separação, há grandes chances de logo vir uma perda de emprego. Esta é sentida como uma falta de consideração que despertará conflitos de desvalorização no inconsciente. O chefe ou dono de empresa que demite são assimilados no inconsciente à imagem de pai, supostamente o chefe da família. Estamos aqui nos dois quadrantes da boca – em cima, os laços relacionais com o clã e em baixo, os laços relacionais com a sociedade, com o ambiente de trabalho.

A perda do casal atinge o quadrante inferior esquerdo e está ligada aos sofrimentos relacionais do quadrante superior, aos laços de família, onde o emocional e o afetivo são de âmbito materno (no papel de mãe). (...)

Mas não são as carências ou sofrimentos evidenciados pelas palavras *consideração* e *reconhecimento* que ocasionam as periodontopatias. O sentimento que desenrola o processo é o que está enunciado no sofrimento de “ter que recomeçar tudo”. Só assim consegui compreender a tendência curiosa que revelavam alguns pacientes - a tendência à periodontopatia nos professores. Quem melhor do que um professor associa um stress grande (o reinício das aulas)

à noção de ter que recomeçar tudo de novo (levar os alunos do não saber ao saber) tão regularmente? O mundo dos educadores está cheio de indivíduos em grande stress no reinício do período letivo. Em vista do que é feito com eles em termos poéticos, isso não vai mudar tão cedo....

*Caso: feminino, casa dos 50 anos, sinal particular: perda óssea generalizada nos dois maxilares com graus mais avançados na mandíbula, onde só ficaram 5 dentes muito móveis. O elemento “gatilho” foi identificado como a morte do marido. A genealogia revela que o bisavô fugiu de sua terra natal sob ameaça de morte e ninguém jamais voltou à terra natal! Uma reativação do fenómeno ocorre quando é iniciada a construção de uma nova casa, ao mesmo tempo que a aposentadoria do mundo letivo se anuncia. A noção de recomeçar tudo é permanente nesta mulher. A perda óssea é a continuação do stress permanente.*

Outro caso clínico me mostrou, em 1 mês e meio, a consolidação de todos os dentes e um novo crescimento ósseo no nível dos incisivos inferiores. Conseguimos identificar todos os dados apresentados. Outro caso também comprovou a mesma consolidação, a parada da mobilidade dentária. É notável ver estas reações de estabilização dentária quando o osso ainda nem chegou a preencher as faltas. Fico sempre maravilhado com a rapidez da reação biológica, que sempre me mostra que quando é aliviado o stress inconsciente, o comportamento se modifica e assim, na aceitação do fenómeno, cessa a patologia. Para nossa biologia, o que chamamos de patologia é apenas uma adaptação fisiológica fora do campo de atividade que consideramos normal. Um eminente professor em oncologia disse que o câncer é um programa arcaico da célula humana. Devemos então considerar a doença como uma resposta fisiológica e não como um desregramento. A decodificação biológica se propõe a explicar o fenómeno que clica na tecla *ler* de determinado programa e propõe clicar na tecla *parar*. De minha parte, depois que a decodificação dentária é transmitida e integrada, só preciso restaurar tecnicamente os estragos. Lembre que a decodificação dentária forma um triângulo terapêutico entre paciente, dentista e sofrimento por trás do problema dentário.

Mas a compreensão da periodontopatia não termina aí. Até agora só analisamos os dados genealógicos e o fenómeno chamado “gatilho” do processo. Pois o dente, mas também o osso onde ele está e que segue o mesmo processo,

expressam sofrimentos relacionais de nós para os outros, mas sobretudo de nós para conosco. Por isso convém verbalizar as revelações neste eixo relacional consigo mesmo, que nos permite a perda óssea. Se não levarmos a decodificação e o auxílio terapêutico até este nível, faremos a desprogramação sem a reprogramação; deixaremos um vazio na construção do indivíduo, que o inconsciente preencherá com o mesmo programa enquanto o stress se apresentar com o mesmo teor. Esta particularidade da decodificação dentária permite a avaliação precisa do passado de nossa árvore e a compreensão dos dados comportamentais que se desenrolam em nossa existência – e também permite uma introspecção na atividade viva das energias masculinas e femininas, que não devemos perder de vista, sob o risco de deixar o paciente apenas na porta da cura. Isto posto, é claro que o terapeuta que deseja fazer da decodificação dentária um instrumento de acompanhamento dos pacientes deve conhecer seu próprio funcionamento interior. (...)

Que outro caminho pode conduzir melhor à compaixão do que aquele que me faz viver dentro de mim e sentir o sofrimento que os outros me pedem que seja tocado neles para curar? Como acolher melhor as lágrimas do próximo, sem julgar nem condenar, se não toquei em mim a fonte que as alimenta? Como compreender melhor o sofrimento de outro e assim acolhê-lo de modo humano, com o coração, se já não o provei em mim? O ser humano é uma sinfonia dedicada à Vida. Todas as sinfonias são uma associação das mesmas notas. No mundo inteiro, um dó é um dó. Mas na música há instrumentos diferentes; de cordas, de sopro, de percussão, etc. A humanidade mais bela será a mais grandiosa das orquestras sinfônicas: uma reunião de instrumentos diferentes sob a regência da Vida, onde cada um terá seu lugar e sua nota para tocar, com instrumentos sem hierarquia, sem melhor ou mais do que o outro. Saber estar em seu lugar e desempenhar o papel que lhe cabe. Ajudar o próximo é ensinar-lhe o solfejo da Vida, descobrir na boca todas as notas disponíveis; cada um sendo livre para tocar a ária que lhe dita o coração. (...)

Voltemos à famosa periodontite que causa a perda generalizada do osso dos maxilares. A cura deste osso pode ser vista com os olhos do coração na epopéia de Moisés levando seu povo do Egito para a Terra Santa. Pois a noção de terra vislumbrada neste tipo de periodontite fala da terra interior, associada ao primeiro chakra, o chakra raiz.

O termo desenraizado, embora particularmente conveniente no aspecto dos dentes afetados por esta doença, não é bastante preciso para a decodificação. Outras lembranças genealógicas são associadas à noção de perda da terra, do refugiado ou do exilado. Outras localizações biológicas podem exprimir estes sofrimentos, como as glândulas suprarenais, também associadas ao primeiro chakra ou espaços interdentais bem específicos. Mas no exemplo que nos interessa, a noção de terra é maior, pois não se refere apenas à questão da perda, mas também à proibição de voltar. Se há perda óssea do conjunto dos maxilares é porque o próprio indivíduo não se reconhece mais quando pode ser testemunha de si mesmo. É a impossibilidade de voltar para a Terra Interior, para o contato de sua integridade profunda, de sua autenticidade. Imagine a pessoa que aceita qualquer trabalho, qualquer moradia, desde que tenha um teto e o que comer... nós tocamos os momentos de solidão em que o indivíduo não tem coragem de olhar para si mesmo, de testemunhar sua desvalorização maior. O exemplo nos permite vislumbrar o indivíduo que pode carregar um sentimento de vergonha. Para os conflitos menos fortes ligados à terra natal, é incrível observar as modificações biológicas e/ou fisiológicas que ocorrem com uma retomada real de contato com a terra da genealogia.

No que diz respeito à periodontite, o contato é desejável, mas não suficiente. O primeiro sofrimento pedindo para ser eliminado é o de ter que recomeçar tudo. Este aspecto é muito ligado a nosso conceito de morte e renascimento. Perder os dentes, especialmente em sonho, é um sinal revelador da dinâmica de morte simbólica. Ter que recomeçar tudo, quando tudo que já foi construído na busca de se sentir vivo se “esfumou”, é uma morte e um renascimento no inconsciente biológico. Como o cérebro biológico não pode nos fazer morrer, ele se utiliza da simbologia.

Muitos pacientes recebem o diagnóstico de periodontite numa consulta de rotina. É simplesmente o sinal de que o conflito está ativo. (...) A nova compreensão dos dentes oferece um ensinamento tão global das leis de ser humano que é impossível ver seu fim. (...)

Após quase vinte anos, os dentes estão no croação de minha vida e me alegro de poder apresentar a vida que se encontra no coração dos seus dentes. A decodificação dentária é uma ferramenta terapêutica maravilhosa, pois leva a nossa Essência profunda. Se a decodificação dentária abre os olhos para outra dimensão da Vida, se permite elevar o véu sobre a Realidade da beleza humana, se permite tocar em nós os sofrimentos que adoecem o corpo, então sim, os dentes estão ligadíssimos ao resto de nosso ser. (...) Mas a melhor ferramenta,

mesmo a mais precisa, só revela seu gênio a um coração aberto, especialmente a um coração curado.

(...) Por favor, não diga mais aos profissionais que o atendem: “Bom dia! Se você soubesse como detesto vir ao dentista!” Compreenda que seus dentes sofrem porque você não quer olhar para si mesmo, para seu coração. Compreenda que o dentista sempre toca esta dimensão humana em você, mesmo que sua mente esteja longe para facilitar o encontro. Quanto mais você fizer do coração o objetivo e a meta de sua Vida, mais encontrará no caminho terapeutas que o acompanharão neste sentido. Quanto mais parar de fugir das verdadeiras razões de seu mal estar, mais irá rumo ao bem estar, longe dos paraísos artificiais que todos nós, cada um a seu modo, criamos.(..)

Que você possa, com estas poucas páginas e palavras tão insignificantes diante da grandeza da Vida, ter se aproximado de “quem você é”...

Quinta-feira 19 de setembro de 2003, 15:30h

